

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

GILMAR DA SILVA CORDEIRO

**A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA
PINTURA ARTÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA.**

**MUKAMESÁ YANÉ KITIWARA PARANÃ WASÚ APIRUPI IRUPÍ KUÁ
PINIMASAITÁ YÛBUESÁ YUPIRÛGASÁ UPÉ KUÁ YÛBUESÁ RUKA SERAWA
DOM MIGUEL ALAGNA.**

MANAUS
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

GILMAR DA SILVA CORDEIRO

**A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA
PINTURA ARTÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Artes.

Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosemara Staub de Barros

MANAUS
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C794e Cordeiro, Gilmar da Silva
A expressão cultural indígena do alto Rio Negro por meio da pintura artística no ensino fundamental da escola municipal indígena Dom Miguel Alagna / Gilmar da Silva Cordeiro . 2024
67 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Rosemara Staub de Barros
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Pintura. 2. Expressão. 3. Cultura indígena. 4. Ensino de artes. 5. Processo criativo. I. Barros, Rosemara Staub de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

GILMAR DA SILVA CORDEIRO

**A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA
PINTURA ARTÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES. Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Rosemara Staub de Barros (UFAM) - Presidente e Orientadora

Prof^ª Dr^ª Yara dos Santos Costa Passos (UEA) - Membro

Prof. Dr. Edilson Martins Melgueiro (IFAM/São Gabriel da Cachoeira) - Membro

Prof^ª Dr^ª Christiane Pereira Rodrigues (IFAM/Parintins) - Suplente

Prof. Dr. Evandro de Moraes Ramos (UFAM) - Suplente

MANAUS
2024

Dedicatória

Aos 23 povos originários do Alto Rio Negro que são exemplos de luta, resistência, perseverança na afirmação de suas identidades culturais e construção do bem viver.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado força e coragem para trilhar o caminho do aprendizado e pela certeza de acreditar que podemos sempre.

À Universidade Federal do Amazonas e à Universidade do Estado do Amazonas, por meio do Programa de Pós-Graduação em Artes – PROFARTES, por terem me dado a oportunidade de estudar e concluir o curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES) e ao Programa de Educação Básica – (PROEB) por apoiar e financiar este projeto.

À Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna na pessoa da Gestora Alessandra de Jesus Brasil que deu total apoio para a realização deste trabalho e aos meus queridos estudantes que foram os principais atores deste projeto.

Aos meus pais, Luzimar e Arlene, que sempre lutaram incansavelmente para que eu pudesse vencer na vida, assim como me ensinaram a respeitar, ter humildade e solidariedade com o próximo, hoje chegamos a mais uma conquista.

À minha esposa, amiga e companheira Rose, pelo apoio, compreensão e incentivo nesta jornada. Que Deus nos proteja sempre.

Aos meus filhos, Lúzi e Júlia pelo carinho, respeito e compreensão durante minha ausência.

Ao meu irmão Deuzimar pelo total apoio em Manaus. Marquinhos e Cleide, meu eterno agradecimento pelos momentos de companheirismo.

Um agradecimento muito especial aos meus amigos, Dinho e Jaque, por me acolherem em sua casa no período em que estive em Manaus durante os estudos, sou muito grato a vocês.

Aos meus colegas de estudos, pela partilha dos nossos conhecimentos, nossas diferenças, alegrias, dedicação, sonhos e esperanças.

À minha orientadora, querida Prof^a Dr^a Rosemara Staub, por todas as contribuições, por compartilhar seus conhecimentos, incentivo e confiança na execução deste trabalho.

A todos os professores do Curso de Mestrado da UFAM e UEA, pois levarei o conhecimento adquirido adiante.

À Banca Examinadora, pelas orientações, contribuições e aprovação.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram na conclusão deste magnífico trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa trabalhou a pintura artística em sala de aula com a temática voltada para a expressão cultural indígena do Alto Rio Negro, assim como o seu processo de ensino, aprendizagem e criação em artes, garantido nas leis que regem a educação. Teve como base a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa e a metodologia da pesquisa-ação de Michel Thiollent. Envolveu os participantes a propor e buscar soluções com conhecimentos diferenciados sobre a cultura e aprendendo na ação para a resolução dos problemas enfrentados no dia a dia das aulas de artes em diversas séries do Ensino Fundamental da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. O trabalho resultou na produção de 20 pinturas artísticas realizadas através da técnica da acrílica sobre tela, produzidos pelos estudantes.

Palavras-chave: Pintura, Expressão, Cultura Indígena, Ensino de Artes, Processo Criativo.

ABSTRACT

This research looked at artistic painting in the classroom with the theme of indigenous cultural expression in the Upper Rio Negro, as well as the process of teaching, learning and creating in the arts, as guaranteed by the laws governing education. It was based on Ana Mae Barbosa's triangular approach and Michel Thiollent's action research methodology. It involved the participants in proposing and seeking solutions with differentiated knowledge about culture and learning in action in order to solve the problems faced in the day-to-day running of art classes in various elementary school grades at the Dom Miguel Alagna Indigenous Municipal School in São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. The work resulted in the production of 20 artistic paintings made using the acrylic on canvas technique, produced by the students.

Keywords: Painting, Expression, Indigenous Culture, Arts Teaching, Creative Process.

MUKUAIASÁ

Kuá sikaisá uyupuraki pinimaisaitá resé yūbuesá ruka upé yayui arã yamāduari yané kitiwara waitá upitáwá paranã wasú apirupi, mayê yāyūbuesá, yākuasá yamuyã yané kitiwaraitá, yamuyarã uvalei kuá mūdusá turusúwa yūbuesá ruka resé. Mayê ũbeuwa yawé sesékuá Ana Mae Barbosa asui mayê yupuraki irupí kuá sikaisá ũbeuwa kuá Michel Thiollent. Uyumuyãwa yepé wasúwa upé mamē tābeu asui tasikai mayê tamuyãrã takuasá rupí. Takitiwara resé asuí tayūbué yui sesé, kuá kariwa kitiwara waita, yūbuesá ruka upé, ára yawé yawé, yūbuesá uyupirūgawá upé serawa yūbuesá ruka Dom Miguel Alagna, tetāma wasú São Gabriel da Cachoeira, irupí kuá murakí uyumuyã irūdí pu (20) pinimaisaitá sesé kuá kuadru, uyumuyãsa uyūbuesaitá rupí.

Pinimasá Sesewa: Pinimaisaitá, Sesewaitá, Yané Kitiwaraitá, Yūbuesá yane Kitiwara resé, Kuasá Uyumukiraiwa.

LISTA DE SIGLAS

AM - Amazonas

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COVID-19 - *Corona Virus Disease* 2019 (Doença do Coronavírus)

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

E. E. – Escola Estadual

EAD – Educação a Distância

EJAS – Educação de Jovens e Adultos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFAM – Instituto Federal do Amazonas

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MASP - Museu de Arte de São Paulo

MUSA – Museu da Amazônia

N/R – Não Referenciado

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFARTES – Mestrado Profissional em Artes

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas

SCIELO - *Scientific Electronic Library Online* (Biblioteca Eletrônica Científica Online)

SGC – São Gabriel da Cachoeira

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho de aves da região amazônica.....	12
Figura 2 – Pintura com temáticas da região amazônica.....	13
Figura 3 – Pintura com temáticas da região amazônica.....	13
Figura 4 – A cobra-grande.....	22
Figura 5 – Nepũ Arquepũ, Rede Macaco.....	23
Figura 6 – Cunhatain, Antropofagia Musical, 2018.....	24
Figura 7 – Artes imaginárias do Diakara, 2018.....	25
Figura 8 – Turma do 9º ano A de 2022.....	33
Figura 9 - Turma de 2023.....	35
Figura 10 – Autorretrato da mulher Baniwa.....	36
Figura 11 - A Bela Adormecida.....	37
Figura 12 – O Curupira.....	38
Figura 13 – Produção de Farinha.....	39
Figura 14 – Flauta Sagrada Karriçú.....	40
Figura 15 – Guardiã do Cabarí.....	41
Figura 16 – Peneira e Tipití.....	42
Figura 17 – Ritual Dabukurí.....	43
Figura 18 – Ritual de Iniciação - Kariamã.....	44
Figura 19 – Tucano 1.....	45
Figura 20 – União dos povos originários.....	46
Figura 21 – Caxirí.....	47
Figura 22 – Pôr do Sol.....	48
Figura 23 – Karriçú abstrato.....	49
Figura 24 – Natureza exuberante.....	50
Figura 25 – Tucano 2.....	51
Figura 26 – Ancestralidade e atualidade.....	52
Figura 27 – Dança do Japurutú.....	53
Figura 28 – Artesã.....	54
Figura 29 – Guardiã.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 - REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1 – Leis e diretrizes que regem as práticas artísticas em sala de aula.....	18
1.2 – Expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro.....	20
1.3 – Artistas indígenas e as temáticas culturais em suas obras.....	21
1.4 – A proposta triangular no processo de ensino, aprendizagem e criação em artes.....	25
2 - METODOLOGIA	26
2.1 – Atividade de Pesquisa 1.....	29
2.2 – Atividade de Pesquisa 2.....	33
3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho seguiu a Linha de Pesquisa, Processos de Ensino Aprendizagem e Criação em Artes, do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Amazonas – PROFARTES/UFAM, com a orientação da Prof^a Dr^a. Rosemara Staub de Barros, na perspectiva de conclusão do trabalho em formato de artigo, em atendimento a Resolução 04/2015 – UDESC-PROFARTES.

A pesquisa trabalhou a temática das expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro por meio da pintura artística com estudantes indígenas do 5º ao 9º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna, no município de São Gabriel da Cachoeira, AM. A escola segue o modelo de ensino da Educação Escolar Indígena, que atende aos anseios dos povos originários de todo o Brasil, na qual defende que o ensino deve ser diferenciado, intercultural e bilíngue, de acordo com a realidade de cada povo.

Teve como principal objetivo promover práticas de pintura agregando obtenção de conhecimentos, principalmente no que se refere à sua própria cultura, com temáticas sobre as expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro.

Nos objetivos específicos, abordou a importância do processo de ensino, aprendizagem e criação em artes, garantindo aos alunos o que preconiza o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e a atual BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

Apresentou a importância da expressão cultural indígena dentro do contexto das Artes Visuais com seus principais artistas locais e trabalhou a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que deu aos estudantes a oportunidade de contextualizar, ler, fazer e refletir sobre suas produções artísticas.

A região etnográfica do Alto Rio Negro é comumente descrita como “complexo multilinguístico e multiétnico” que compreende uma vasta área localizada no noroeste amazônico brasileiro, na fronteira com a Colômbia e a Venezuela. Geograficamente, é formada pelas bacias hidrográficas do Rio Negro e seus diversos afluentes, tais como o Uaupés, Içana, Xié, entre outros.

Nessa região se concentra a maior população indígena do mundo, que também é conhecida como cabeça do cachorro, por uma parte de seu mapa se parecer com a cabeça do animal. O município tinha cerca de 51.795 habitantes segundo fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2022, sendo que 95% dessa população são indígenas pertencentes às 23 etnias, onde 18 línguas nativas ainda são preservadas e faladas.

Para fortalecer a política de afirmação de nossas línguas e identidades originárias, o título e o resumo desta dissertação foram traduzidos para a língua indígena Yêgatu, pertencente à família linguística Tupi-guarani, uma das mais faladas em toda a região amazônica.

Sou artista, pesquisador e professor indígena, dos povos originários da etnia Baré, nasci e cresci na comunidade indígena de Açaituba, as margens do rio e Terra Indígena do Alto Rio Negro, no Município de São Gabriel da Cachoeira – AM, nesse período eu e minha família sobrevivíamos da roça plantando mandioca que é a base da alimentação indígena, da caça e da pesca. Em 1995, aos 9 anos de idade, minha família migrou para a sede do município, onde resido até hoje, em busca de novas oportunidades e estudos para mim e meus irmãos.

Na minha adolescência aos 14 anos, mais precisamente no ano de 2000, tive os primeiros contatos e ingressei no curso de Desenho e Pintura do Centro Juvenil Salesiano, foram dois meses de total dedicação às aulas de desenho, lembro também que o meu professor na época, Heber Lúcio, sempre me elogiava, pois aprendi a desenhar em tão pouco tempo e isso era surpreendente para ele, da mesma forma aprendi as técnicas de pintura e assim foram mais dois anos de muita dedicação e aprendizagem. Depois de aprender essas técnicas, comecei a realizar pequenos trabalhos de pinturas em telas, letreiros em campanhas publicitárias, políticas e diversos outros.

Figura 1 – Desenho de aves da região amazônica



Fonte: O autor (2000).

Nota: Primeiros trabalhos artísticos de Gilmar Cordeiro.

Figura 2 – Pintura com temáticas da região amazônica



Fonte: O autor (2000).

Nota: Primeiras pinturas de Gilmar Cordeiro.

Figura 3 – Pintura com temáticas da região amazônica



Fonte: O autor (2019).

Nota: Pintura recente de Gilmar Cordeiro.

Aos 19 anos, ingressei nas fileiras do Exército Brasileiro, vindo a prestar serviço na 21ª Companhia de Engenharia e Construção. Nesse período realizei vários trabalhos artísticos dentro do aquartelamento e assim foi possível divulgar os meus trabalhos, principalmente em telas artísticas, que eram elaboradas para serem levadas como lembranças para diversas regiões do Brasil, recordo-me que tenho telas no Rio de Janeiro, Brasília, Manaus e Recife. Realizei estes trabalhos de 2005 à 2011 e nesse período aprendi que se você for uma pessoa leiga, as pessoas não dão valor ao seu trabalho. Muitas vezes no momento da entrega dos trabalhos encomendados, as pessoas não pagavam o valor cobrado por mim, pois queriam dar preço ao meu trabalho, ou seja, mesmo sendo um artista, eu não era visto e valorizado como um profissional de fato.

Em 2011 prestei vestibular e fui aprovado para cursar Artes Visuais na UFAM, na modalidade EAD em Santa Isabel do Rio Negro – AM. Solicitei meu desligamento do exército, viajei a Santa Isabel e iniciei o curso. Após um ano resolvi retornar a minha cidade São Gabriel, como o curso era na modalidade EAD, eu tinha que viajar de barco ao Pólo UAB em Santa Isabel a cada 45 dias, para realizar as provas presenciais e participar da abertura e introdução das novas disciplinas, foi assim o meu cotidiano de idas e vindas por mais 3 anos e meio. Dentre 40 acadêmicos iniciantes, apenas 20 concluíram o curso de Licenciatura em Artes Visuais e em dezembro de 2015 aconteceu a tão sonhada colação de grau.

O meu trabalho de conclusão de curso teve como título: A arte dos trançados Baniwa, neste trabalho final descrevi a arte das cestarias produzidas pelos povos indígenas da etnia Baniwa do Rio Içana, afluente do Alto Rio Negro, tal pesquisa visou mostrar essa rica arte, seus grafismos e significados, sua utilidade, produção, importância e concepção como arte.

Em março de 2016, prestei concurso para Professor de Arte da Rede Pública Municipal de Ensino, fui aprovado e passei a atuar na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna. Desde então tenho trabalhado com arte e durante esse período sempre busco levar novos conhecimentos aos estudantes, pois até então a escola não tinha nenhum professor com formação específica em artes.

Durante esse período, pude notar diversos fatores dentro da realidade e da convivência no cotidiano, assim pude perceber que o ensino de arte ainda é precário nas escolas, tanto na parte teórica quanto na prática. Uma delas é a falta de professores com formação específica e quando tem, o professor tem que exercer a prática da polivalência, a direção da escola e demais professores enxergam a disciplina de artes como apoio ou inferior às demais, livros que divergem dos conteúdos propostos, carga horária excessiva em relação à quantidade de

turmas e apenas uma hora aula semanal. Para citar um exemplo, existem estudantes de português e matemática que tem cinco aulas semanais e ainda tem dificuldades, imagine os de arte que só tem uma.

Dessa forma, sempre busquei dar o melhor de mim, defendendo sempre a minha disciplina, afinal sou formado nessa área, buscando, explorando, pesquisando e me atualizando em relação aos conteúdos e à novas metodologias de ensino.

Nesse período busquei trabalhar as quatro linguagens artísticas, haja vista que não tem professores com as formações específicas e no meu ponto de vista os alunos não devem ficar sem conhecer outras linguagens. Sei que não domino as demais, porém sempre me esforcei para transmitir algo que pudesse contribuir com o aprendizado dos alunos, assim é o meu cotidiano em sala de aula.

Ao abordar novos conteúdos do currículo de arte, os estudantes inicialmente estranhavam, pois na mente deles achavam que aula de arte era somente desenhar e pintar, explicava a eles que nas aulas de arte poderíamos sim desenhar e pintar, porém antes de tudo nos precisávamos estudar todo o processo da arte, para entendermos o seu contexto, ou seja, conhecer, compreender, refletir para assim produzir arte, assim trabalhei realizando algumas oficinas na escola, voltados a diversos temas.

Em 2018 elaborei um projeto de desenho e pintura para ser trabalhado no contra turno e apresentei para a direção da escola e assim foi levado ao setor de projetos da Secretaria de Educação do Município, foi muito bem recebido, porém não se concretizou. No mesmo ano fui convidado para ministrar uma Oficina de Desenho e Pintura na 6ª Amostra de Extensão, realizada no Instituto Federal do Amazonas – IFAM/SGC/AM, essa foi um sucesso.

No mesmo ano de 2018, iniciei o Curso de Pós-Graduação em Letramento Digital pela Universidade do Estado Amazonas – UEA, cujo título do trabalho de conclusão de curso foi: A arte em rede social: O uso de *blog* como ferramenta educacional na disciplina de arte da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna. Nessa especialização busquei aprender e apresentar algo novo, inédito que pudesse ajudar os alunos no seu processo de ensino e aprendizagem. No blog compartilhei vários assuntos, links que direcionavam à outros conteúdos, imagens e atividades que eu aplicava em sala, criei espaços para que os estudantes pudessem interagir, deixarem seus pontos de vistas e fazer seus comentários, sendo um espaço muito bem aceito por todos.

Em 2019 fui capacitado para ser o multiplicador no Curso de Capacitação de Professores de Artes para a nova Base Nacional Comum Curricular – BNCC, no interior do

município. Porém com a vinda de Pandemia, não proseguimos com a capacitação que seria no ano seguinte.

Nesse período de novas experiências, aprendi a tocar violão sozinho e no ano de 2020 já fui convidado a trabalhar no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/SGC, com projeto social de artes: Desenho, Pintura e Violão, iniciamos o projeto em fevereiro com as oficinas, porém devido a pandemia tivemos que suspender as atividades no mês seguinte.

Neste ano de 2021, fui convidado para trabalhar em outro projeto social, o da Inspetoria Santa Terezinha na Casa Irmã Inês Penha com o Projeto Kunhantã e Kurumim Uka Surí (Casa dos meninos e meninas felizes), é um projeto que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, oferecendo diversas oficinas de aprendizagem. Atuei neste projeto até o início de 2022, quando tive que me afastar para iniciar o curso de Mestrado.

No ano de 2022, iniciei o Curso de Mestrado Profissional em Artes, cujo objetivo do projeto de pesquisa foi promover o incentivo e estímulo, desenvolvimento e aperfeiçoamento do talento natural de estudantes entre 11 e 16 anos de idade do 5º ao 9º ano da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna, através de práticas de Pinturas Artísticas com temáticas sobre as expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro.

No ano de 2023, foi realizado mais uma vez a atividade de pesquisa voltada para a execução das práticas de pinturas artísticas com vários estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna. Esta atividade foi realizada no período de agosto à dezembro de 2023.

Para se chegar às questões teóricas e buscar um melhor entendimento do assunto, foram realizadas várias pesquisas bibliográficas e etnográficas tendo como base os seguintes descritores: Pintura, Expressão, Cultura Indígena, Ensino de Artes e Processo Criativo.

Dentre vários, foram encontrados, sites, cartilhas, artigos científicos, monografias, livros e dissertações que foram de extrema importância para a sua execução. Entre muitas pesquisas em sites, destacamos o *Scielo*, Google Acadêmico, Banco de dados de Teses e Dissertações da UDESC e CAPES. Entre os milhares existentes nesses bancos de dados, selecionei para a contextualização do Estado da Arte, 30 trabalhos, sendo: 4 sites, 1 cartilha, 14 artigos, 3 monografias, 5 livros e 3 dissertações.

Como resultados, tais trabalhos apresentaram discussões sobre o tema do projeto em questão, algumas pesquisas foram feitas nas escolas, com práticas artísticas diversas, como por exemplo o trabalho intitulado: Entre Leis de Livros, de Ana Luíza Vasconcelos Vieira (2019), é um artigo que apresenta algumas das principais leis que regem o ensino de artes no Brasil. Outro artigo selecionado é intitulado: Arte educação pela pintura, (2016) de Kátia Lampert,

apresenta a importância da articulação entre o ensino e a produção da prática artística do professor/artista/pesquisador. Outro importante trabalho é a monografia de Verônica Araújo, intitulado de: *Prática de Pintura em Sala de Aula* (2013), aborda as práticas de pintura nas salas de aula, assim como explora as diversas possibilidades de suporte. A prática da pintura ensino fundamental, de Angélica Maximiano (2013), inicia sua pesquisa com um embasamento histórico da pintura, em seguida apresenta um relato de experiência vivenciada na escola E. E. Maria de Magalhães, que ao concluir a sua pesquisa, percebeu que tais práticas podem contribuir na formação do indivíduo, porém o mesmo precisa criar, experimentar e fazer sua própria arte.

No que tange as expressões culturais indígenas, o primeiro trabalho é uma monografia de Milene Figueiredo, intitulado, *A cultura indígena nas artes visuais* (2012), traz debates e reflexões sobre a cultura indígena no ensino de arte. Priscila Lima e Priscila Maisel (2017), apresentam o artigo: *O mito da Cobra-Canoa Dessana na Obra dos artistas Bernadete Andrade, Turenko Beça e Priscila Pinto*, visa estabelecer as relações entre a mitologia indígena e o ensino de artes visuais no Amazonas, justamente para mostrar a riqueza temática que existe na cultura indígena e que pode ser trabalho em sala de aula, ajudando a enaltecer a importância da mitologia indígena na produção artística.

O livro: *Nossos Saberes: Arte, Cultura, e Histórias Indígenas no Alto Rio Negro* (2014), dos autores: Lilia Valessa, Juliana Alves, e Renato Athias, expressa as tradições, histórias dos povos originários de várias etnias do Alto Rio Negro, marca uma importante contribuição como registro da arte dessa região. São narrativas transmitidas de geração para geração, divididas em quatro partes: *Origem e História, Flora, Fauna, Extrativismo e Tecnologias e Tradição e Cultura*.

Já os sites pesquisados apresentaram reportagens e entrevistas de artistas indígenas do Alto Rio Negro que ganham destaque no cenário artístico nacional e internacional, o site da Secretaria de Cultura do Amazonas, destaca a artista indígena Duhigó, que é a primeira a ganhar espaço para exposição permanente no Museu de Arte de São Paulo – MASP. Destaca-se também o site “Arte que Acontece”, na qual apresenta os trabalhos de Denilson Baniwa, com temáticas que discutem a existência de uma arte indígena.

1 - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - Leis e diretrizes que regem as práticas artísticas em sala de aula.

Atuando como professor de arte da rede pública municipal de ensino e durante esse tempo pude vivenciar várias situações, e como problemática percebi que esta é uma disciplina que sofre uma grande carência, discriminação e desrespeito no que se refere ao ensino e dificuldades de pôr em prática como tem de ser de fato.

Podemos ver na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN Nº 5.692/71, que inicialmente garantiu a prática artística como “atividade educativa” ou seja, não tinha a devida importância quanto outras disciplinas. Porém foi revisada através da LDBEN Nº 9.394/96, quando se tornou “disciplina obrigatória” no currículo escolar, sendo uma conquista importante para o ensino de arte.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, também orientam e propõe normas que devem ser postas em práticas nas aulas e recentemente a Lei Nº 13.278/2016 que regulamenta a nova Base Nacional Comum Curricular – BNCC, foi a última versão de um modelo de ensino que também garante e orienta como devem ser tais práticas artísticas.

Acontece que as próprias leis, não garantem de fato tais práticas, devido ao tempo insuficiente e a carência de estrutura e material. Como educador já passei por várias experiências em que infelizmente vivenciei todas essas dificuldades, exemplo disso é que se dispõe somente de um tempo de aula durante a semana, oposto quando se compara com outras disciplinas, por exemplo Português e Matemática que tem cinco tempos de aulas e muitos ainda não conseguem ter um bom rendimento e até reprovam. Outro fator que ainda persiste é a discriminação que muitos veem a disciplina como auxiliar e inferior ou complementar que dá suporte às outras, muitos utilizam seu tempo para fazer reuniões, ensaios, comemorações e enfeitar a escola.

Silva (2015), defende que o professor de arte deve ser o maior defensor de sua área de trabalho, demonstrando o valor e a importância de sua disciplina. Da mesma forma Araújo e Oliveira (2013), defendem a importância das Artes Visuais nas escolas e seu relevante papel para a expressão humana:

Assumem papel relevante ao procurar ampliar no aluno o saber, o fazer e o refletir em arte. A arte, além de ser registro visual das diferentes expressões e formas humanas criados ao longo da história, acompanhando as mudanças e transformações ocorridas na sociedade, possibilita ao indivíduo diferentes formas de se expressar e dialogar com o mundo, transmitindo ideias e expressões humanas, construindo, portanto, conhecimento. (Araújo e Oliveira, 2013, p. 01)

Dessa forma, o meu papel como professor formado nessa área é defender e fazer valer o direito do aluno, garantindo o que regem as leis da educação e acima de tudo mostrar nesta pesquisa a sua importância para a expressão das culturas.

Pensando em todas essas questões, por ora, teóricas e práticas no ensino de artes no contexto escolar e diante de uma pesquisa de Mestrado em Artes, passei a buscar alternativas viáveis que vislumbrassem de fato tais práticas artísticas em sala de aula, ou seja, nesse caso, oportunizar aos alunos pertencentes às diversas etnias do Alto Rio Negro, o direito de desenvolver, aperfeiçoar e explorar seus talentos com práticas de pinturas artísticas com temas que valorize sua própria cultura.

Isso torna a escola um meio de interação entre os saberes e conhecimentos da cultura tradicional, garantido no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI, um alicerce para que os alunos consigam exercer de fato o verdadeiro direito de aprender e fazer arte, afinal, a melhor forma de conhecer a cultura de um povo é através de sua arte.

Além disso, inserir a pintura nas práticas do cotidiano escolar leva a outros fatores importantes, como, estimular os sentidos, auxilia no desenvolvimento da coordenação motora, incentiva na percepção das cores e desenvolve a parte da criatividade, estando diretamente ligado com as diversas possibilidades nos processos de criação.

Sobre a importância de prática da pintura, Maximiano (2013), destaca que poder experimentar é criar algo que agrega valores positivos ao sujeito e que todo ser humano deveria vivenciar.

Quanto aos direitos referentes à valorização e ao resgate cultural, se deve à luta dos povos indígenas pelo reconhecimento de sua história, cultura e sua participação na configuração étnica brasileira. A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, torna obrigatório o estudo da história e da cultura indígena, assim como a cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Vejamos abaixo um trecho do que diz a lei:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (N/R)

Podemos de fato aprofundar estas garantias no que se refere ao estudo e à história da cultura indígena brasileira também nas nossas escolas indígenas e de acordo com a realidade de

cada povo. Portanto, esta lei nos dá autonomia para sermos protagonistas de nossa própria história, afinal temos muito a contar, escrever e mostrar sobre a nossa cultura e arte.

1.2 - Expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro.

As expressões culturais podem ser observadas no cotidiano de cada povo, seja através da dança, da música, dos rituais sagrados, das mitologias, das lendas e de suas ancestralidades ainda preservadas. Não podemos ignorar estas expressões, pois tudo isso conta o nosso passado, o presente e o futuro, precisamos continuar a escrever essa história de lutas e resistências.

Figueiredo (2012), afirma que levar conhecimentos sobre as diversas culturas para dentro da escola possibilita aos educandos conhecer sua própria cultura e seus próprios valores. Este ponto de vista me fortaleceu ainda mais em realizar esta pesquisa e de colocá-lo em prática, já que muitos devido ao modo eurocêntrico de ensino ainda deixado desde o processo colonizador, já não se enxergam mais como indígenas e muitos realmente desconhecem sua própria cultura e seus valores. Desse modo o fazer artístico por meio da pintura como ferramenta de ensino em arte, é de extrema necessidade e importância para se trabalhar as expressões culturais indígenas nas escolas, haja vista que a pintura é uma prática muito bem aceita pelos estudantes.

Já Barbosa (1998), afirma que a educação poderia ser o caminho mais eficiente para estimular a consciência cultural dos estudantes, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local, uma teoria que fortalece a importância da diversidade cultural, seja através da educação, assim como através de práticas artísticas.

Na região do Alto Rio Negro se concentra a maior população indígena do mundo, que de acordo com Silva; Alves e Athias (2014), é habitada por um conjunto de 23 povos indígenas. Atualmente falam diversos idiomas pertencentes a cinco famílias linguísticas distintas, Tupi-guarani, Tukano, Aruak, Nadahup e Yanomami. Isso faz dela a região com a maior diversidade linguística e cultural do Brasil e do continente americano, onde são faladas atualmente 18 línguas.

Nesta região existe uma imensa riqueza de saberes e valores entre os povos indígenas e que são transmitidas de geração para geração. Essas populações ocupam uma vasta extensão de áreas demarcadas, onde matem uma relação social e cultural muito próxima e muitos até dividem a mesma cultura e tradição, mesmo pertencendo à uma outra etnia. Muitas dessas expressividades podem ser vistas nas festas tradicionais ou diante de um ritual sagrado através das danças, lendas, mitologias e músicas.

Outras características podem ser vistas na expressividade das pinturas corporais, dos grafismos, nos utensílios, cestarias e acessórios. Estas pinturas expressam a identidade de cada povo e são utilizados em ocasiões especiais como festas e rituais sagrados.

Na música muito se fala a respeito das flautas sagradas, aliás este foi um tema recente que escrevi em um artigo, pois são instrumentos importantes para todos os tipos de cerimônias e são acompanhados sempre de muito caxirí¹ e dabukuri² de frutas.

A expressividade cultural é infinita nesta região, pois são exatamente 23 povos diferentes que lutam para manter viva suas tradições, portanto essas expressões se configuram nas vivências do dia a dia, inclusive no modo de vida atual, representado por exemplo, no trabalho de artistas indígenas que expressam suas culturas e vivências. Podemos vivenciar melhor essas manifestações culturais no Festibal³, um festival que envolve todas as linguagens artísticas e as várias etnias para apresentarem suas diversificadas culturas. O festival faz parte do calendário festivo do município de São Gabriel da Cachoeira e acontece todo ano.

1.3 - Artistas indígenas e as temáticas culturais em suas obras.

Destaquei também aos estudantes, a importância e o trabalho de vários artistas indígenas do Alto Rio Negro, que, incansavelmente lutam para valorizar e exaltar a arte indígena, através de várias expressões, principalmente a pintura. Vejamos a seguir os que mais tem se destacado ultimamente:

Feliciano Lana (fig.4), é natural do distrito de Pari-Cachoeira e pertenceu a etnia Dessana, tinha 83 anos quando faleceu vítima de Covid-19 no ano de 2020. Foi artista plástico, desenhista, pesquisador e liderança indígena, ficou conhecido mundialmente ao produzir desenhos e pinturas que narram histórias de sua cultura ancestral do povo Dessana para o livro “Antes o mundo não existia”, recriou cenas de narrativas sagradas contadas pelo seu tio Firmiano e seu primo-irmão Luiz Lana. Seus trabalhos foram expostos por várias cidades brasileiras e na França, Áustria, Alemanha, Espanha e Itália. Lana deixou um acervo em exposição permanente com pinturas de diversas narrativas chamada “Peixe-gente”, no MUSA – Museu da Amazônia, em Manaus.

¹ Bebida fermentada de frutas, feita pelos próprios indígenas.

² Ritual dançante de boas-vindas onde se presenteia os visitantes.

³ Acrônimo utilizado para Festival Cultural dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro.

Figura 4 – A cobra-grande



Nota: Pintura de Feliciano Lana, da etnia Dessana.

Outra artista de grande destaque no cenário nacional é Duhigó que significa “primogênita” na língua Tukano, tem 66 anos e também é natural de Pari-Cachoeira, suas obras são inspiradas na temática Dessana e Tukana, assim como nos elementos mitológicos da natureza enraizadas na memória de sua origem. Conhecida nacional e internacionalmente, mora em Manaus desde 1995 e é representada pela Galeria de Arte Manaus Amazônia.

Eu pinto o que não existe mais, e isto é muito importante para o meu povo. As máscaras de ritual, os potes que minha avó usava na aldeia e que os Tukano não fazem mais. Também pinto as lembranças da minha infância na aldeia. Elas só existem na minha memória, no meu imaginário. Pinto para não deixar a minha cultura morrer. (Relato de Duhigó extraído de sua página no site do Instituto Dirson Costa).

Suas obras destacam o fortalecimento da cultura e da arte indígena, também é uma forma de preservar a ancestralidade dos povos e garantir que futuras gerações possam conhecê-las e mantê-las vivas por meio da arte. Destacou-se ao ser a primeira mulher indígena amazonense a compor o renomado acervo do Museu de Arte de São Paulo – MASP (fig. 5), considerado o maior do Brasil e o mais importante museu do hemisfério sul.

Figura 5 – Nepû Arquepû (Rede Macaco)



Nota: Pintura de Duhigó, da etnia Tukana.

Denilson Baniwa (fig. 6) tem 39 anos e é natural de Barcelos, porém expressa em seus trabalhos referências da cultura Baniwa do Alto Rio Negro, é artista, curador, designer, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas. É considerado um dos artistas indígenas mais importantes da atualidade, por expressar em seus trabalhos a relação do seu povo com o mundo contemporâneo atual e o uso das novas tecnologias nas aldeias. A respeito disso, Baniwa (2019), diz que:

O progresso tecnológico da humanidade vem contribuir em diversos setores da sociedade e é instrumento a serviço dos seres humanos. Já a identidade cultural está ligada à história de um povo, seus signos, suas pertenças, visões de mundo, cosmologia e o sagrado. Dessa forma a utilização de “modernidades” ou novas ferramentas não significa o abandono ou a perda da cultura indígena, pode, inclusive, ajudar a fortalecer a identidade e transpor mudanças que ocorreriam naturalmente ou forçadamente pela violência externa. (“Conversa com Denilson Baniwa”, por Luiz Camillo Osorio, 2019).

Iniciou sua trajetória artística a partir das referências culturais de seu povo ainda na infância, retratando rituais e tradições. Seu discurso forte e provocativo visa estimular mais indígenas a se unirem na luta contra a colonização de todo o sistema educacional e cultural, dando espaço de fato para que as expressões culturais se consolidem no mundo da arte.

Figura 6 – Cunhatain⁴, antropofagia musical, 2018



Nota: Pintura de Denilson Baniwa, da etnia Baniwa.

Jaime Diakara (fig. 7) da etnia Dessana, também de Pari-Cachoeira, é professor, escritor, pesquisador, artista visual e Mestre em Antropologia Social pela UFAM, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: povos indígenas, calendário lunar, etnoecologia e etnografia. Desenvolve pinturas que expressam a cosmologia Dessana e a visão mitológica e espiritual contados pelos seus ancestrais.

⁴ Significa moça ou menina na língua indígena Yêgatu.

Figura 7 – Artes imaginárias do Diakara, 2018



Nota: Pintura de Jaime Diakara, da etnia Dessana.

1.4 - A proposta triangular no processo de ensino, aprendizagem e criação em artes.

A proposta triangular é de extrema relevância para se construir e obter conhecimento em arte. Na atual BNCC (2016, p. 193), “as linguagens artísticas articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre elas”. E vai além ao destacar que “a aprendizagem de arte precisa alcançar a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores”.

Da mesma forma, Barbosa (2002) enfatiza em sua Proposta Triangular que o ensino de arte tem que atender as necessidades de aprendizagem e conhecimento no que se refere a criação, leitura e contextualização da obra. Tal proposta é de extrema relevância quando se relaciona com o trabalho de pesquisa proposto, pois além de estimular as diversas práticas, relaciona o participante com a arte, a vida e o tempo. Ainda segundo Barbosa (2002), oportuniza aos alunos fazer reflexões sobre os códigos estéticos, políticos e culturais.

A Proposta Triangular propõe um trabalho de articulação dos processos perceptivos, cognitivos, analíticos e criadores em torno das ações de “fazer arte”, “ver e ler a imagem ou a obra” e “contextualizar”. Em seu processo de contextualização, seu objetivo é desenvolver a

imaginação e a percepção para entender o significado real do objeto. Dessa forma o indivíduo participante, nesse caso o estudante, desenvolve a capacidade crítica para fazer tal análise, de modo que seja capaz de entender cada etapa, agregando valores positivos ao sujeito, assim como a percepção aos modos e tempos diferentes.

Em seu recente artigo, Barbosa (2022, p. 6), fala também que a contextualização é “fundamentalmente decolonizadora pois trata de levar a ver além do objeto e da imagem suas conexões com a cultura na qual foi produzida pelo olhar de leitores diferentes, em diferentes tempos”. Dessa forma os estudantes aprenderão que é de suma importância valorizar a sua arte, afinal se não valorizarem, quem irá valorizar? Até porque a arte eurocêntrica já tem grande destaque no cenário mundial e nós precisamos exaltar a nossa arte da mesma forma.

Este processo apresentou aos estudantes esta contextualização, a respeito das obras de grandes artistas indígenas que se destacam na região do Alto Rio Negro. Em relação aos modos e tempos citados no texto acima, foi de fundamental importância, pois esta é uma região muito extensa, assim como as suas variedades de culturas a serem estudadas e contextualizadas.

Barbosa (2022, p. 8), enfatiza ainda que “é na contextualização que rompemos as limitações individuais e refletimos acerca do mundo que nos cerca, do mundo que nos querem impor, do mundo imaginário e do mundo que queremos construir”. E foi esse o pensamento de fato que cada estudante assimilou durante todo o processo de pesquisa e trabalho realizado.

2 - METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa que propôs ações de práticas de pinturas com temáticas culturais na maior escola indígena do Alto Rio Negro no município de São Gabriel da Cachoeira – AM. Foi fundada em 2002 e em 2023 tinha 1.669 alunos matriculados nas séries do ensino fundamental de 1º ao 9º ano e EJAS 2º seguimento 1ª e 2ª fase.

Tem como título: A expressão cultural indígena do Alto Rio Negro por meio da pintura artística no ensino fundamental da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna, teve a participação 24 estudantes do 9º ano em 2022 e 12 estudantes do 5º ao 9º ano em 2023, todos indígenas pertencentes as diversas etnias e com idades entre 11 e 16 anos. Foram submetidos aos estudos da proposta triangular e ao final realizaram o processo de criação de uma pintura artística, com a técnica da tinta acrílica sobre tela.

Teve como base a metodologia da pesquisa-ação, sob uma análise interpretativa, do tipo pesquisa participante, desenvolvida sob uma abordagem qualitativa de práticas de pintura.

Sobre tal metodologia, Thiollent (2011), define que a pesquisa-ação deve ser realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação.

Dessa forma os estudantes participaram de uma forma prazerosa e com muita dedicação, haja vista que eles foram os principais atores na solução dos problemas e descoberta de soluções encontradas no decorrer do processo de criação, ensino e aprendizagem. Esta pesquisa fez com que cada estudante contribuísse para achar o caminho para as respostas que almejávamos, e trouxe de fato, assim como novas expectativas e propostas concretas que saíram dessas práticas coletivas.

Thiollent (2011), define também que a pesquisa-ação é um modo de produzir conhecimento de forma coletiva, nesse modo de desenvolver pesquisa, os sujeitos pesquisados têm ampla participação e são sujeitos ativos do início ao final da investigação. Este método, portanto, é o mais adequado à nossa realidade. Thiollent (1999, p. 102-103), esclarece ainda que, “nos campos da educação, comunicação e organização, a pesquisa-ação exige dos pesquisadores uma grande dedicação e o simultâneo domínio das questões teóricas e práticas da investigação”. Vale ressaltar que o pesquisador responsável, também foi o mediador das práticas pedagógicas que foram aplicadas durante a pesquisa.

Quanto à Proposta Triangular de Ana Mae, a mesma defende que o estudante tenha o direito de contextualizar o ensino e aprendizagem em artes, que irá fomentar a compreensão do contexto histórico e cultural da obra. Quando relacionado tal abordagem com o objetivo da pesquisa, tiveram a oportunidade de estudar e compreender as expressões culturais indígenas por meio da pintura, sua origem, importância no contexto cultural, sua história, seus artistas e o seu processo criativo.

Na apreciação realizaram o desenvolvimento da leitura, através da interação e reflexão, entenderam o significado da obra, das cores, da figura, da técnica, e que as obras contam uma passagem, uma história. A outra proposta foi o fazer artístico, produzir arte, depois de entender e ler, é muito importante propor as práticas e o seu processo de criação.

Figueiredo (2012, p. 28), reflete que “um dos eixos de aprendizagem em arte, em que a Proposta Triangular contempla, consiste em discutir e apresentar elementos da cultura indígena, identificando manifestações artísticas locais e estabelecendo relações entre o contexto histórico e cultural”. Pôr em prática o processo criativo, construtivo, alinhando a base teórica com a prática, retratando o cotidiano, temas e vivências.

Barbosa (2022), lembra que:

A leitura como identificação cultural, como necessidade de reconhecimento de si próprio e de construção da realidade na qual estamos inseridos é o centro da educação que se pretende desenvolver não só através das palavras, mas também através da imagem. Falo de uma leitura que não é apenas formal em termos de linha, cor, espaço, etc., mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora do ponto de vista social. (Barbosa, 2022, p. 2)

Este foi o ponto crucial, os estudantes realizaram essa leitura, analisaram as obras dos artistas locais, assim como decifraram cada composição presente na pintura, deixando seu ponto de vista crítico acerca do contexto geral da obra. Também fizeram o desenvolvimento da leitura, através da interação e reflexão, entendendo o significado de cada cor, figura, técnica e composição, mostrando que as obras contam uma passagem, uma história, assim como retrata uma expressão cultural.

Já o fazer artístico diferenciou o ensino e agregou conhecimentos, pois é de extrema importância se utilizar das práticas, haja vista que esse é um dos momentos mais esperados pelos estudantes, afinal pouco se tem feito e dado espaço para o processo de criação na referida escola. Maximiano (2013, p. 38), relata que o fazer artístico vem “carregado de sentimentos, percepção, vivência e apreciação que vão se entrelaçar com a produção de determinado trabalho”. Isso gerou aos alunos subsídios para melhor contextualização e compreensão.

Foi dessa forma, portanto, que foi posto em prática a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, mostrando que não importa o local, a realidade e a qualidade de cada escola e sim que é preciso determinação e coragem, leitura, entendimento e sabedoria para aplicar e desenvolver cada etapa do processo. E como resultado disso tudo, podemos provar que esta proposta pedagógica funciona de fato.

Ao final, os estudantes elaboraram na prática, uma pintura artística, com a técnica da Tinta Acrílica sobre Tela, e todo esse processo passa a ser relatado por mim e feito a análise de cada etapa, ao final relato minhas experiências e a dos estudantes participantes. Em seguida faço uma reflexão a respeito dos resultados, minhas conclusões e considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

2.1 – Atividade de Pesquisa 1 - 2022

Resolvi deixar registrado os dias em que não tiveram aula devido os feriados ou por algum outro motivo, para mostrar o quanto é dificultoso trabalhar com a disciplina de arte e ainda mais quando se quer realizar uma intervenção que requer tempo, e este temos apenas um por semana, porém apesar dos contratemplos, conseguimos realizar e finalizar.

Para realizar esta Atividade de Pesquisa 1, foram utilizadas um total de 17 aulas de 45 minutos cada, que se iniciou em 02 de agosto e finalizou no dia 29 de novembro de 2023, na qual passa a ser relatado a seguir.

AULA 01 – (02/08/22) - Apresentação Projeto de Intervenção aos estudantes e contextualização da importância de se trabalhar a questão da cultura indígena no ensino de artes, destacando que o objetivo principal seria trabalhar as expressões culturais por meio da pintura, exaltando a arte e a cultura indígena. Na mesma aula, foi passado um texto com o tema: O que é expressão cultural indígena? Enfatizando que elas se manifestam por meio de danças, músicas, artes visuais, rituais, mitologias, culinárias, artesanatos e outras diversas práticas do cotidiano.

AULA 02 – (09/08/22) – Na segunda aula, foi apresentado alguns artistas indígenas do Alto Rio Negro que se destacam na pintura com temáticas sobre a expressão cultural indígena. Dentre eles Duhigó (Tukano), Feliciano Lana (Dessana), Denilson Baniwa (Baniwa) e Jaime Diakara (Dessana) e outros artistas amazonenses que também expressam em seus trabalhos temáticas indígenas como: o grafiteiro Raíz e o pintor parintinense Rubens Belém.

AULA 03 – (16/08/22) – Na terceira aula, utilizando *data show*, apresentei os trabalhos dos artistas da aula anterior, falei das escolhas de cada expressão em suas temáticas, da intenção de cada artista em exaltar e valorizar a arte local. Salientei que cada artista tem um propósito ao produzir cada obra. Falei da importância de cada artista e fiz uma leitura de cada obra deles, para que os estudantes pudessem compreender a importância da leitura de uma obra.

AULA 04 – (23/08/22) - Nesta aula dei ênfase aos trabalhos do Senhor Feliciano Lana, que sempre buscou retratar em suas obras, narrativas da mitologia dessana alto Rio Negrina, dessa forma, ao final da aula, passei um trabalho de pesquisa aos alunos para que pesquisassem uma lenda ou mito da cultura local com seus parentes mais velhos, que conversassem, fizessem um diálogo com perguntas e enfatizei que é dessa forma que conhecemos a nossa cultura.

AULA 05 – (30/08/22) - Nesta aula recolhi o trabalho anterior, sendo que apenas uma estudante me entregou (Deisiane). Questionei os que não me entregaram o trabalho, o porquê da não entrega, como resposta, o simples “esqueci”. Devido esse fato, passei um outro trabalho

para avaliar a contextualização a respeito do tema. Solicitei que elaborassem um texto naquele momento em sala de aula tendo como tema em questão: Como é a expressão cultural indígena em São Gabriel da Cachoeira? Ao final pude compartilhar alguns trabalhos com os estudantes, fazendo a leitura das produções textuais.

DIA (06/09/22) – Não houve aula – Ponto Facultativo – devido os feriados da Semana da Independência.

AULA 06 – (13/09/22) – Nesta aula os estudantes iniciaram o Processo de Criação (rascunho), com um tema sobre a expressão cultural indígena. Cada um ficou com a tarefa de iniciar o processo de criação de seu desenho. Inicialmente muitos tiveram dificuldades de iniciar este trabalho, pude perceber que a maioria estava acostumado a fazer somente releituras.

AULA 07 – (20/09/22) – Nesta aula, os estudantes continuaram a criar suas próprias obras, muitos até esse momento ainda não tinham conseguido realizar nenhum rabisco, pois este é um processo difícil. Difícil por nunca terem sido incentivados, tanto na criação individual, quanto na prática de alguma proposta pedagógica em arte, na qual o estudante pratique e aprenda de fato.

AULA 08 – (27/09/22) – Devido à dificuldade no processo de criação inicial, os estudantes tiveram mais um tempo de aula para criar e finalizar suas obras. Porém muitos continuavam com dificuldades. Um fato interessante é que a maioria convive, conhece a sua cultura, porém esta dificuldade está no processo de rascunhar, criar, produzir, como disse antes, devido à falta de hábito e prática em sala de aula. Porém, devido ao tempo, e a minha insistência e incentivo, os estudantes avançaram nesta aula em relação ao processo de criação inicial da obra.

DIA (04/10/22) – Não houve aula, houve um Seminário promovido pela Diocese do Município com o tema: Tecendo Rede de Esperança.

DIA (11/10/22) – Não houve aula, pois nesse dia faltou energia. Apenas recolhi os trabalhos (desenhos).

DIA (18/10/22) – Não houve aula, teve reunião com os pais e entrega de boletins.

Durante esse período em que não houveram aulas, aproveitei para analisar e selecionar os trabalhos para a produção em tela, afinal a turma era composta por 24 alunos e a proposta era que eles trabalhassem a pintura em duplas, portanto teríamos 12 telas pintadas com a técnica da tinta acrílica sobre tela.

Ao final somente 16 alunos me entregaram o trabalho de desenho, 8 não entregaram, apesar de terem tido 3 aulas e praticamente 5 semanas para o processo de criação da arte com

alguma expressividade cultural. Depois da análise, selecionei apenas 10 trabalhos para elaborar a pintura, pois os outros 6 trabalhos não estavam de acordo com o tema solicitado e apresentado sobre a expressividade cultural indígena, apesar de trabalhar toda a contextualização dos temas do projeto, muitos estudantes infelizmente não dão a devida importância, apesar dos incentivos.

AULA 09 – (25/10/22) – Nesse dia iniciamos o desenho nas telas, devido o pouco tempo que tínhamos, utilizamos alguns recursos tecnológicos para auxiliar nos trabalhos (*notebook e data show*), para projetar os desenhos sobre as telas, onde os estudantes puderam transpor seus desenhos para as 10 telas.

DIA (01/11/22) – Não houve aula. Ponto Facultativo – Dia de todos os Santos.

AULAS 10 e 11 – (08/11/22) – (Início das Pinturas) Para este dia, pedir autorização da gestora da escola para utilizarmos as mesas do refeitório da escola, haja vista que não tinha um espaço adequado e nem material suficiente como cavaletes para a execução, assim iniciei o trabalho de pintura ensinando algumas técnicas de utilização da tinta acrílica sobre tela.

Disponibilizei 10 quadros medindo 40 X 50 e algumas bisnagas de tinta acrílica, apesar de ter solicitado alguns materiais como tintas e pincéis, praticamente nenhum dos estudantes colaborou com material, após isso, iniciaram a pintura. Por serem uma turma de adolescentes, muitos não tiveram dificuldades e nem medo de pôr a mão na massa, afinal sempre salientei que se sentissem à vontade para tal prática.

Os 10 trabalhos selecionados por mim estavam coerentes com tema solicitado, dessa forma falei aos estudantes que ficassem à vontade para ajudar os colegas, pois ali estava sendo realizado um trabalho coletivo e que todos deveriam participar, nesse momento percebi a boa vontade de alguns alunos em querer ajudar e participar e uns 4 não se prontificaram para nada, assim como não realizaram nenhum dos trabalhos solicitados.

Durante o primeiro dia da prática de pintura os estudantes dialogaram bastante entre eles e isso foi muito interessante, pois pude perceber que eram trocas de ideias de como proceder, outros aproveitaram para colocar outros assuntos em dias, normal em uma atividade onde se relaxa e trabalha a mente. Outros me chamavam constantemente para tirar dúvidas e perguntar como se misturam determinadas cores para se chegar à uma outra cor ou tonalidade.

Um fato interessante é que essa aula aconteceu no 4º tempo e solicitei à professora de educação física, Silvia, que me cedesse o 5º tempo dela e me atendeu tranquilamente, avisei aos alunos que quem quisesse continuar a pintura que poderia e quem quisesse ir para a aula prática de educação física que poderia também e para minha surpresa ninguém quis ir para a

aula de educação física. Diante disso pude perceber o quanto eles se interessaram na prática da pintura, o quanto o trabalho foi prazeroso e estava sendo interessante para eles.

DIA (15/11/22) – Não houve aula – Feriado – Dia da Proclamação da República.

Preocupado com o fim do ano letivo e o pouco tempo que tínhamos para finalizar o trabalho de pintura, conversei e solicitei aos professores dos três primeiros tempos, que me cedessem seus horários de aulas dia 21 de novembro, para que eu pudesse terminar ou adiantar os trabalhos com os alunos, afinal neste dia eu só teria o último tempo de aula.

AULA 12, 13 e 14 – (21/11/22) – Aula Extra – Tempo cedido pelos professores Fausto (História), Adelson (Ciências) e Rogério (Ensino Religioso). Apesar de terem iniciado sem muitas dificuldades, no decorrer do processo muitos estudantes se depararam com algumas barreiras, como por exemplo a dificuldade em retratar com precisão algumas figuras da tela, expliquei que o não domínio da técnica também faz parte do processo, ainda mais quando nunca se praticou e isso era o que menos importava nesse momento e sim retratar a expressividade do tema. Apesar de termos utilizado os três tempos de aula, não conseguimos finalizar.

AULA 15 e 16 – (22/11/22) – Neste dia solicitei mais uma vez o tempo de aula da professora Silvia, e assim os estudantes puderam finalizar os 10 trabalhos de pintura em tela, com direito a assinatura na obra e muitas fotos. Ao final pude notar e perceber o orgulho que eles sentiam ao olhar e pousar ao lado de suas belíssimas obras.

AULA 17 – (29/11/22) – Como última atividade desse processo de criação, coloquei as obras em forma de exposição na sala de aula e solicitei aos estudantes que relatassem suas experiências a respeito de todo o processo de criação, desde a contextualização, passando pela leitura das obras de vários artistas indígenas e sobre o fazer artístico, trabalho final de pintura (fig. 8). Os alunos realizaram a atividade e me entregaram no mesmo dia, pois este foi o último dia de aula deles comigo.

Figura 8 – Turma do 9º ano A de 2022



Fonte: O autor (2022).

Nota: Estudantes e o trabalho final de pintura.

No dia 14/12/22 foi o nosso último encontro, durante a cerimônia de formatura dos 9º anos e EJAS e fui surpreendido pela oradora da turma a estudante Nayra Sthefany, com a seguinte menção em seu discurso:

Quero mencionar também o professor Gilmar Cordeiro, o nosso professor de Artes, que esse ano superou as nossas expectativas, trazendo para sala de aula temas como arte indígena que ficará marcado na nossa aprendizagem, o exemplo disso são os quadros pintados por nós de forma tão significativa para a nossa cultura, muito de nós descobriu o talento na pintura, quem sabe um de nós se aperfeiçoará neste dom incrível de manifestar a cultura através da arte, quem sabe um dia seremos grandes pintores reconhecidos e renomados, quando isso acontecer, lembre-se que o senhor foi o ponto de partida.” (Trecho do texto de agradecimento aos professores, escrito pela estudante Nayra, 2022).

E neste mesmo dia, ao final da formatura, assim como a última oportunidade de encontro com os pais no ano, foi realizado uma exposição desses trabalhos. Nesse momento muitos pais me procuraram para agradecer, outros me procuravam para querer saber mais sobre o projeto, enquanto muitos estudantes aproveitaram para registrar mais um momento ao lado de suas belíssimas obras.

2.2 - Atividade de Pesquisa 2 - 2023

Para esta segunda etapa da atividade de pesquisa, foram utilizados 13 tempos de aulas e selecionados 12 estudantes do 5º ao 9º ano da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna

que participaram do Concurso Década Internacional das Línguas Indígenas: A Diversidade Linguística no Espaço Escolar, na categoria Pintura, promovido pela Secretaria Municipal de Educação do município.

AULA 01 – De 18/09/23 à 22/09/23 - Apresentação Projeto de Intervenção e do Concurso para todas as turmas e contextualização da importância de se trabalhar a questão da cultura indígena no ensino de artes, destacando que o objetivo principal seria trabalhar as expressões culturais por meio da pintura, exaltando a arte e a cultura indígena. Enfatizando que elas se manifestam por meio de danças, músicas, artes visuais, rituais, mitologias, culinárias, artesanatos e outras diversas práticas do cotidiano.

Na mesma aula falei de alguns artistas indígenas do Alto Rio Negro que se destacam na pintura com temáticas sobre a expressão cultural indígena. Dentre eles Duhigó (etnia tukano), Feliciano Lana (etnia dessana), Denilson Baniwa (etnia baniwa), Jaime Diakara (etnia dessana).

Ao final apresentei os trabalhos dos artistas, falei das escolhas de cada expressão em suas temáticas, da intenção de cada artista em exaltar e valorizar a arte local. Cada artista tem um propósito ao produzir cada obra. Destaquei também a importância da leitura de cada obra, para que os estudantes pudessem ter uma melhor compreensão.

AULA 02 – De 25/09/23 à 29/09/23 – Foi dado este tempo de aula para que os estudantes pudessem realizar o processo de criação da pintura, para participarem do concurso, e que dessa mesma, eu iria selecionar 12 para participar do projeto de pintura da pesquisa de mestrado.

AULA 03 – 04/10/23 – Neste dia foi formado uma comissão para escolher as 5 primeiras pinturas para as finais do concurso e ao mesmo tempo aproveitei para escolher as outras 7, totalizando 12. Vale lembrar que as regras do concurso também eram voltadas para temáticas culturais do Alto Rio Negro, ou seja, tinha os mesmos objetivos da Atividade de Pesquisa 2, expressões culturais por meio da pintura.

AULA 04, 05, 06, 07 e 08 – (11/11/23) – Pode-se notar que uma parte do processo foi feito em sala de aula, como foi feito uma seleção e para que se pudesse dar prosseguimento as atividades, foi necessário planejar uma oficina de pintura que foi realizada em dois dias, da qual utilizamos 5 tempos de aula em cada dia. Autorizado pela direção da escola e contado como atividade pedagógica, neste dia iniciaram-se as práticas de pintura, onde ensinei algumas técnicas de utilização da tinta acrílica sobre tela e disponibilizei 10 quadros medindo 40 X 50, pincéis e bisnagas de tinta acrílica.

AULA 09, 10, 11, 12 e 13 – (17/11/23) – Neste dia utilizamos mais 5 tempos de aula para finalizarmos os trabalhos de pintura. Nesta aula pude perceber o quanto foi gratificante para os estudantes participarem desta oficina, alguns tiveram dificuldades, porém, o resultado ficou acima da expectativa de todos (fig. 9).

Figura 9 – Turma de 2023



Fonte: O autor (2023).
Nota: Estudantes do 5º ao 9º ano.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa trouxe novos conceitos e novas formas de se descobrir a arte, assim como prova que é possível pôr em prática as propostas que estão no papel. Tudo depende do professor/pesquisador em como lhe dar com cada proposta a ser trabalhada. A experiência foi única e inédita para mim, quanto para os estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna.

No início era apenas um projeto, com atividades a serem executadas durante a pesquisa e com possibilidades de mudanças, afinal eu estava iniciando os estudos. Vieram as aulas, estudo de teorias tradicionais e teorias contemporâneas, como consequência novos conhecimentos, assim o projeto de pesquisa foi ganhando rumo e força. Dessa forma iniciamos a prática da pesquisa-ação, baseado na metodologia de Michel Thiollent, trabalhando todo o contexto de sua teoria, assim como toda a teoria dos estudos adquiridos na universidade e postos em prática durante o processo de criação.

Os dez trabalhos de pintura (figuras 10 a 19) com temas sobre a expressão cultural indígena foram realizados pelos estudantes do 9º ano A do ensino fundamental. São acompanhados de trechos de seus relatos a respeito da experiência vivida, durante as atividades realizadas em 2022.

Na pintura (fig. 10), Anabele, da etnia Baniwa, fez o seu autorretrato com traços firmes e cores fortes que representam as mulheres Baniwa do Alto Rio Negro, este rosto representa a beleza, a resistência, o grafismo e principalmente a história dos povos originários. Em seu breve relato, ela comenta que, “foi muito bom fazer um quadro sobre nossa cultura indígena, aprendi que a disciplina de artes não é apenas valorizar a arte dos outros, mais sim a nossa arte, culturas e outras coisas aqui do nosso município.”

Figura 10 – Autorretrato da mulher Baniwa

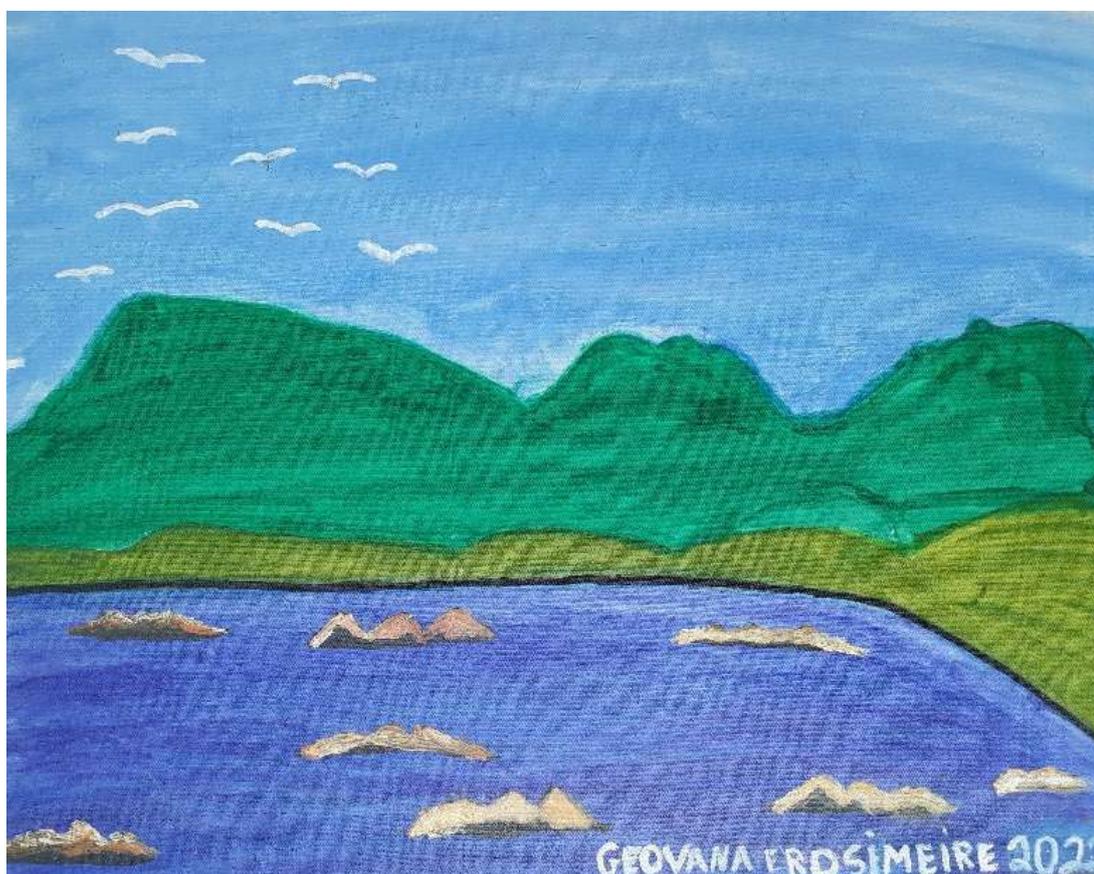


Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Anabele, (9º ano).

Conhecida popularmente por Bela Adormecida (fig. 11), é chamada de Serra do Curicuriari pelos moradores locais. As alunas Geovana, é da etnia Baré e Rosimeire, pertence a etnia Tukano, ambas resolveram pintar uma das mais belas representatividades do Alto Rio Negro. Nesta serra está o simbolismo de muitos povos que moram ao seu redor, pois ela expressa a beleza e a riqueza da natureza, o sagrado e a vivência de um lugar tranquilo e cheio de lendas e histórias que fazem parte do dia a dia desses povos. Geovana é categórica e relata, “eu não conhecia a arte antes como eu conheço agora, eu gostei de pintar eu adorei pintar.” Já Rosimeire, relata como foi sua experiência, “O trabalho sobre as expressões culturais, nos pintamos e nos divertimos, aprendemos a fazer a mistura de tintas e a pintar com leveza, a nossa pintura ficou linda e nós nos ajudamos, todas as pinturas ficaram legais.”

Figura 11 – A Bela Adormecida



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, das estudantes Geovana e Rosimeire, (9º ano).

Miguel Vitorino pertence a etnia Tukano e retratou em sua tela o famoso e temido curupira (fig. 12), esta obra expressa o conhecimento e a vivência dos povos originários com a lenda. Apesar de ser um personagem muito conhecido do folclore brasileiro, este é um ser muito

temido e respeitado na cultura dos povos indígenas dessa região e coube ao estudante representar este ser de acordo com a sua visão mitológica.

Figura 12– O Curupira



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, do estudante Miguel Vitorino, (9º ano).

Marizete e Mateus pertencem à etnia Baré e Janderson à etnia Tariana, na pintura (fig. 13) buscaram expressar a cultura da produção da farinha de mandioca, uma prática muito importante no cotidiano das 23 etnias. A mandioca é a base da agricultura e a farinha é o alimento mais consumido na região. Esta cena expressa todo o esforço e o trabalho incansável dos povos indígenas, ao mesmo tempo revela em sua composição os materiais e utensílios domésticos utilizados e produzidos por eles, retrata também o grafismo de seus adornos e o trançado das cestarias. Vejamos o que eles relatam sobre a experiência:

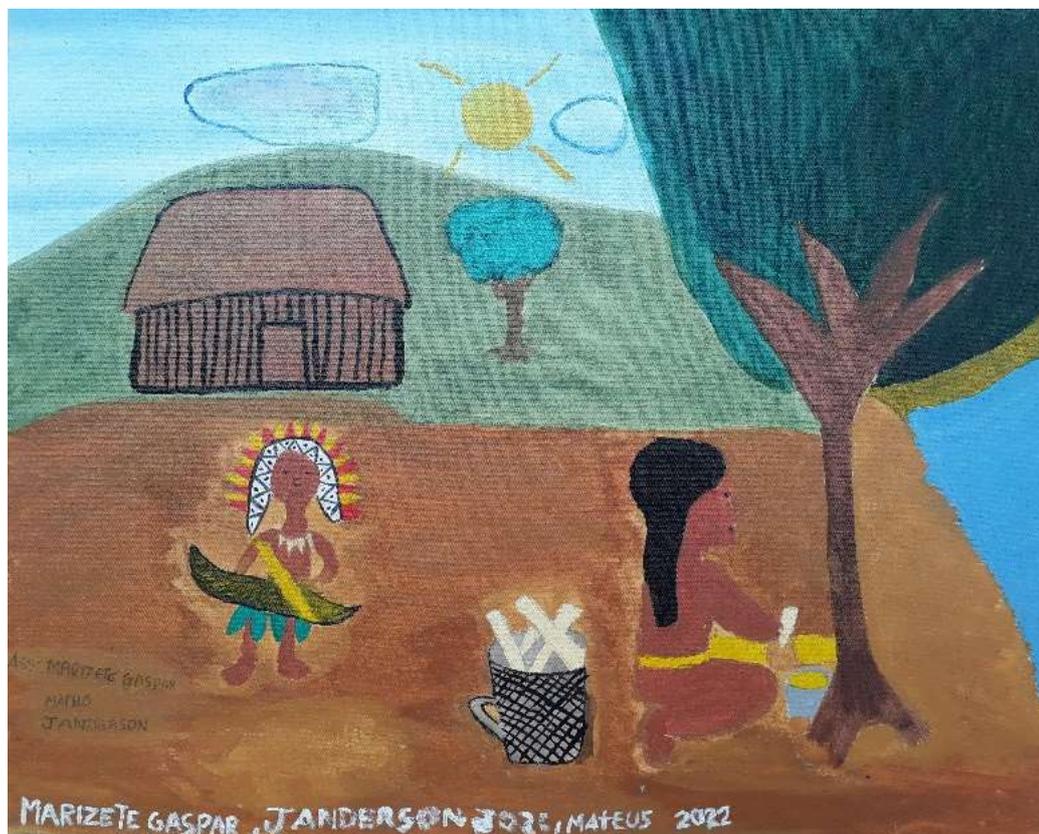
Para mim foi gratificante poder pintar as expressões culturais de onde vivo, de onde eu convivo, é tão maravilhoso mostrar a riqueza da nossa terra indígena. É um

privilegio tão grande deixar essa lembrança de presente para a escola. Eu não enxergava essa arte, enxerguei através da pintura, gostei muito de ter essa experiência, foi muito lindo. (Relato da estudante Marizete, 2022).

Durante as aulas de artes, gostei muito de estudar sobre as pinturas dos nossos povos originários que contam nossas histórias, culturas e lendas da nossa região. Eu como um indígena acho isso muito bom, é importante a nossa cultura ser reconhecida pelo mundo. (Relato do estudante Janderson, 2022).

Já Mateus conta que no início teve algumas dificuldades em entender sobre o projeto e que achou tudo complicado a questão da mistura das tintas, dando um resultado não esperado. Porém depois de muito esforço e ajuda dos colegas e do professor, conseguiu finalizar o trabalho de pintura e conta que teve uma experiência incrível durante o processo de criação e finaliza dizendo que é sempre bom experimentar coisas novas.

Figura 13 – Produção de Farinha



Fonte: O autor (2022).

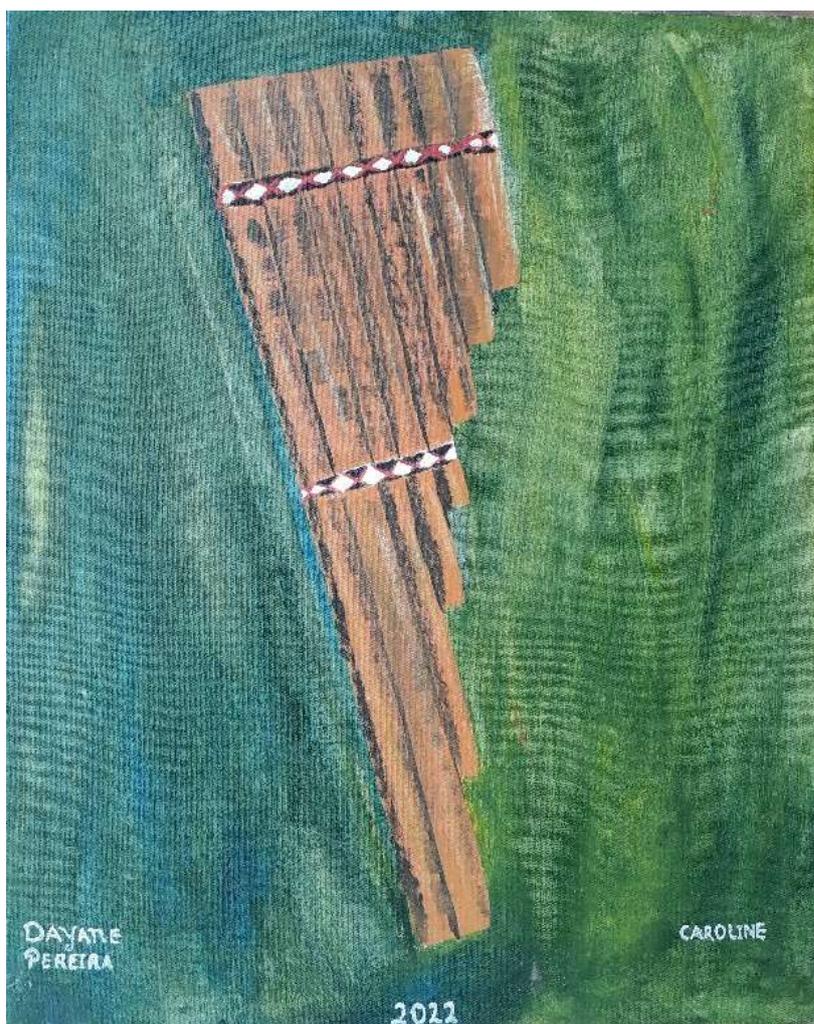
Nota: Acrílica sobre tela 40X50, de Marizete, Janderson e Mateus, (9º ano).

Dayane e Caroline são da etnia Baré e do seu processo de criação resultou a obra Flauta Sagrada Karriçú. (fig. 14). Este é um instrumento musical que tem uma das maiores expressividades e simbolismo entre as etnias. As flautas são instrumentos sagrados para os povos

indígenas do Alto Rio Negro. Baseado nos estudos antropológicos de Piedade (2011), está diretamente alicerçado na visão de mundo nativo, assim como na cosmologia, filosofia, xamanismo, sociabilidade e política. Nota-se, portanto, a riqueza cultural e sagrada em que as alunas buscaram retratar e contar diante de uma pintura que expressa tantos valores ao mesmo tempo.

Dayane relata que gostou muito da experiência na prática, de utilizar e de sentir as cores, nesse caso percebe-se que houve até um sentimento ao pôr em prática, de utilizar a tinta, o pincel, tocar a tela ao ver a cor dar vida ao desenho e finaliza dizendo que “uma imagem fala mais que mil palavras”. Já Caroline, fala que a arte “é uma forma de expressar a sua história, cultura e que isso pode ser feito através de uma pintura, pode representar o mundo real e o imaginário e acima de tudo transmite sentimentos.”

Figura 14 – Flauta Sagrada Karriçú



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, das estudantes Dayane Pereira e Caroline, (9º ano).

Viviane pertence à etnia Baniwa e Larissa é Baré, elas pintaram a Serra do Cabarí (fig. 15), um dos grandes símbolos da riqueza natural da região do Alto Rio Negro, ao mesmo tempo inseriram a representação da mulher indígena saindo de dentro da água e por trás da mata, com seu traje típico e cheio de grafismo em seus adornos corporais. Completam a composição a canoa, a mata e o caudaloso Rio Negro que banha a Serra. Composição esta que foi intitulada A Guardiã do Cabarí, isso mostra como podemos aliar o mundo real ao imaginário das lendas indígenas, afinal podemos associar a mulher da composição à uma guardiã como a mãe natureza.

Figura 15 – Guardiã do Cabarí



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, das estudantes Viviane e Larissa, (9º ano).

Nayra é Baniwa e em sua tela pintou dois utensílios domésticos muito utilizados por vários povos indígenas do Alto Rio Negro (fig. 16). Expressa a importância da peneira e do tipití que são utilizados principalmente na produção da farinha de mandioca, assim como serve para outras atividades domésticas. Mostra também como utilizam materiais da própria natureza para produzir seus utensílios, aliando junto o trançado em suas produções, mostrando o autoconhecimento que eles têm. Nayra relata que ficou maravilhada e diz que:

O tema expressões culturais por meio da pintura, foi um tema que me fez mergulhar em um mundo bastante interessante. Pela primeira vez na vida eu tive a oportunidade de pintar um quadro de verdade, essa com certeza vai ser uma das lembranças mais memoráveis que irei ter. (Relato da estudante Nayra, 2022).

Figura 16 – Peneira e Tipití



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Nayra, (9º ano).

Dayane do Carmo é da etnia Tukano e Jelaine da etnia Wanano, pintaram um dos mais belos rituais do Alto Rio Negro, representa a fartura e é sempre celebrado nas grandes cerimônias que acontecem nas aldeias em forma de dança e ao som das flautas Karriçú ou Mawaco, oferecem aos visitantes e fazem trocas de peixes, frutas, artesanatos e tudo que pode agradar o próximo. Esta obra simplesmente ficou perfeita, pois expressa a riqueza de detalhes e de elementos que compõem o quadro, como o aturá (cesto) cheio de frutas, a vestimenta típica junto aos adornos, acessórios e grafismos, sem esquecer é claro do Mawaco, importante instrumento musical do ritual do Dabukurí (fig. 17)

Figura 17 – Ritual Dabukurí



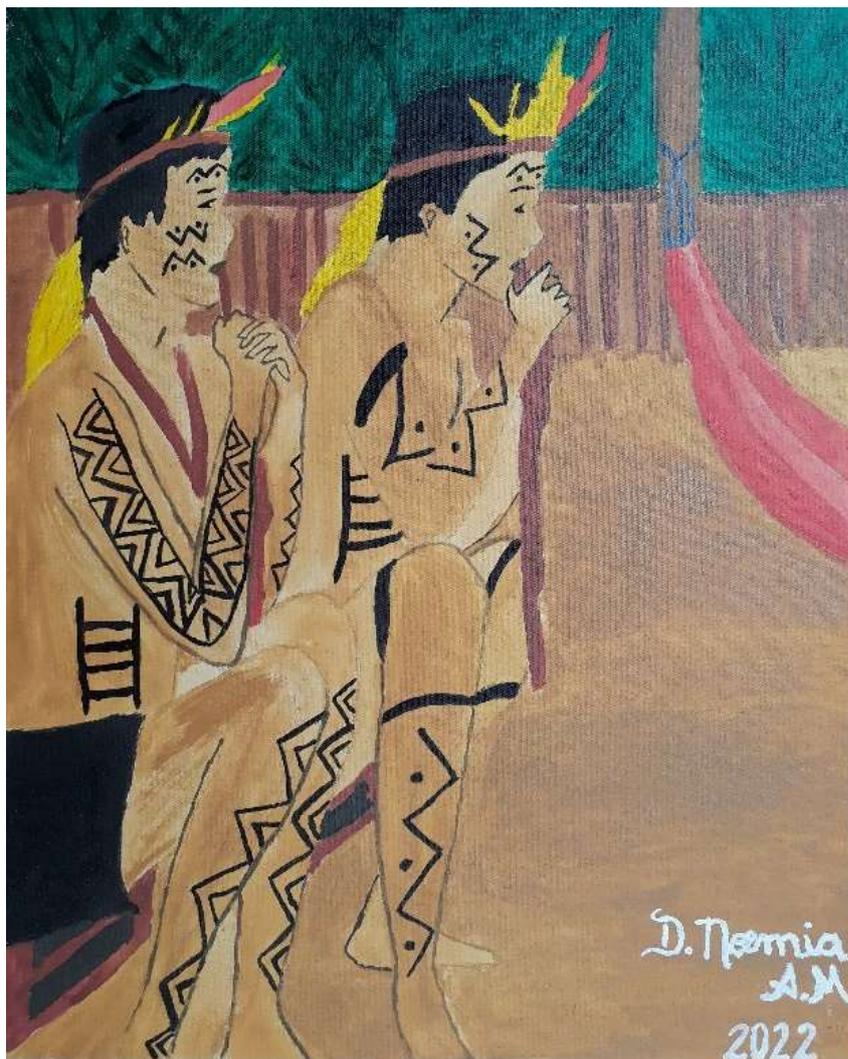
Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, das estudantes Dayane do Carmo e Jelaine, (9º ano).

Na fig. (18) Dayane Noêmia da etnia Dessana, retratou em sua tela o ritual de iniciação conhecido como “Kariamã” (fig. 18). Este ritual expressa uma cultura milenar ainda preservada principalmente pelo povo Baniwa. Assim Juliana Baré (2021), do site Racismo Ambiental define o Ritual Kariamã:

É um rito de passagem e tem como objetivo repassar os conhecimentos culturais e mitológicos. Marca a passagem da infância e adolescência para a vida adulta. É feito através de benzimentos, acompanhado do som dos instrumentos confeccionados para a cerimônia. (Juliana Baré, 2021.)

Figura 18 – Ritual de Iniciação - Kariamã



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Dayane Noêmia, (9º ano).

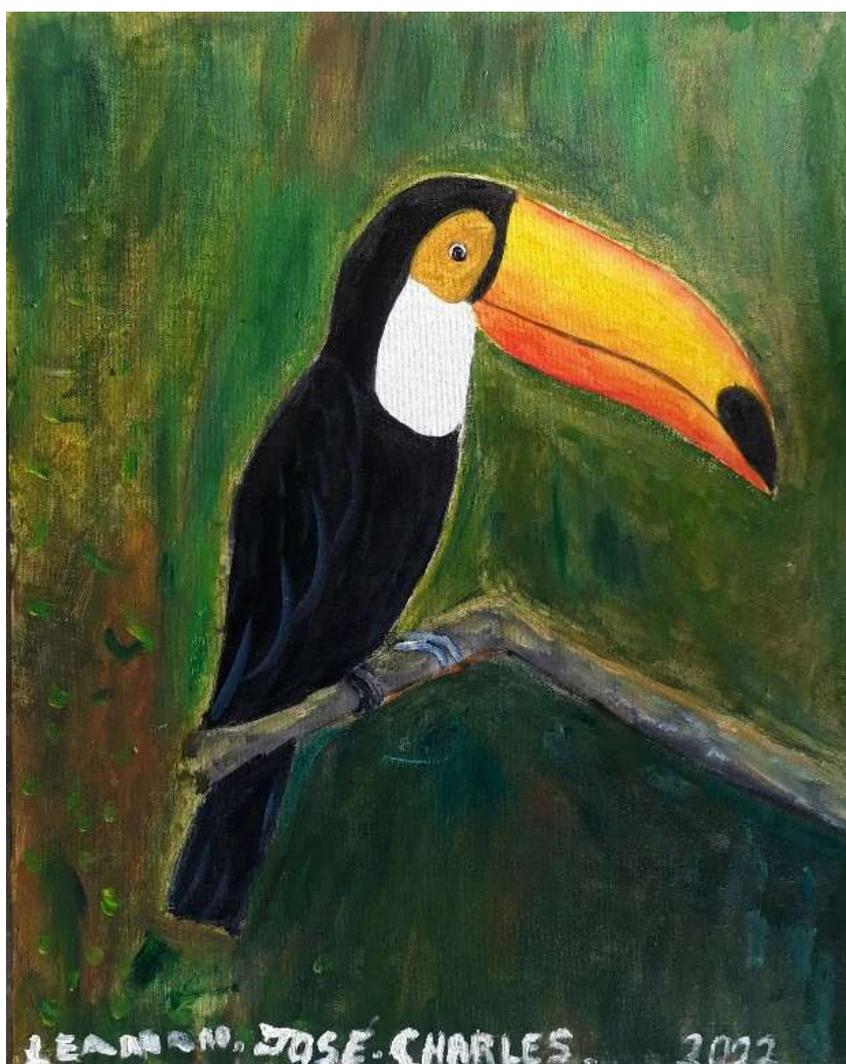
A expressividade representada na tela de Dayane Noêmia, verifica-se dentre os elementos da composição o senhor mais velho que passa seus ensinamentos ao mais jovem. Verificamos que ele está ensinando o jovem a tocar o instrumento Karriçú, assim como, podemos observar a riqueza dos detalhes da pintura corporal e seus grafismos que são feitos para ocasiões especiais como o próprio ritual do Kariamã.

Em seu relato, Dayane cometa que, “queria muito que houvesse mais tempos de aula da disciplina de artes. Eu gostei do tema que o professor trabalhou e fiquei impressionada com a arte dos meus colegas.”

Leandro e Charles são da etnia Tukano e José da etnia Baniwa pintaram o tucano (fig. 19) - uma ave muito linda da fauna brasileira e que também faz parte do cotidiano dos povos

indígenas. Vale ressaltar que a flora e a fauna do Alto Rio Negro possuem uma variedade muito grande de animais exóticos e que nas aldeias são criados como animais de estimação. Portanto, a pintura expressa a importância e a relação que possuem com a natureza e que precisam ser preservadas.

Figura 19 – Tucano 1



Fonte: O autor (2022).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, dos estudantes Leandro, José e Charles, (9º ano).

Na continuidade, com os mesmos procedimentos, a segunda etapa da atividade de pesquisa foi realizada em 2023, tendo como resultado apresentado nas pinturas (figuras de 20 a 29), com temáticas sobre a expressão cultural, realizados por estudantes indígenas, acompanhados de trechos de seus relatos a respeito da experiência vivida.

Na pintura (fig. 20), Deivynys, da etnia Baré, apresenta a união dos povos originários do Alto Rio Negro e destaca em sua obra a mulher Baniwa e Baré, e os cacique Yanomami e

Tukano. Vale lembrar que esta é uma região ímpar, pois não existe cultura igual em lugar nenhum. Em seu relato, fala que achou bem legal e muito criativo e que a experiência foi muito boa.

Figura 20 – União dos povos originários

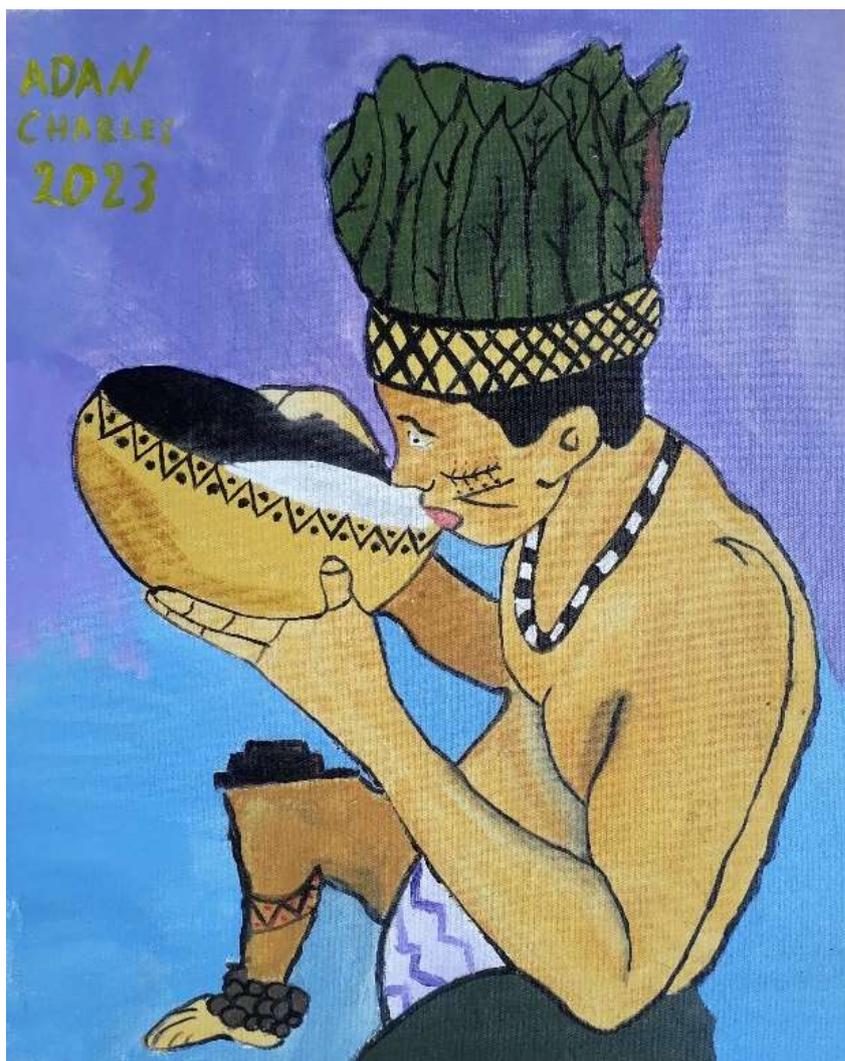


Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, do estudante Deivinys (5º ano).

Os estudantes Adan e Charles pertencem à etnia Baré, expressaram na pintura “caxirí” (fig. 21), o momento em que é servido o caxirí. Bebida oferecida nos rituais de dabukurí, mawaco, festividades e grandes cerimônias tradicionais, é possível notar outros detalhes como os utensílios e acessórios utilizados, assim também como os grafismos chamam atenção. Ádan, conta que gostou da parte que aprende a pintar com pincel e de misturar as cores, já Charles relata que a aula de artes foi bem legal, que aprendeu muitas coisas novas, combinações de cores e conheceu novos amigos de outras séries.

Figura 21 – Caxiri



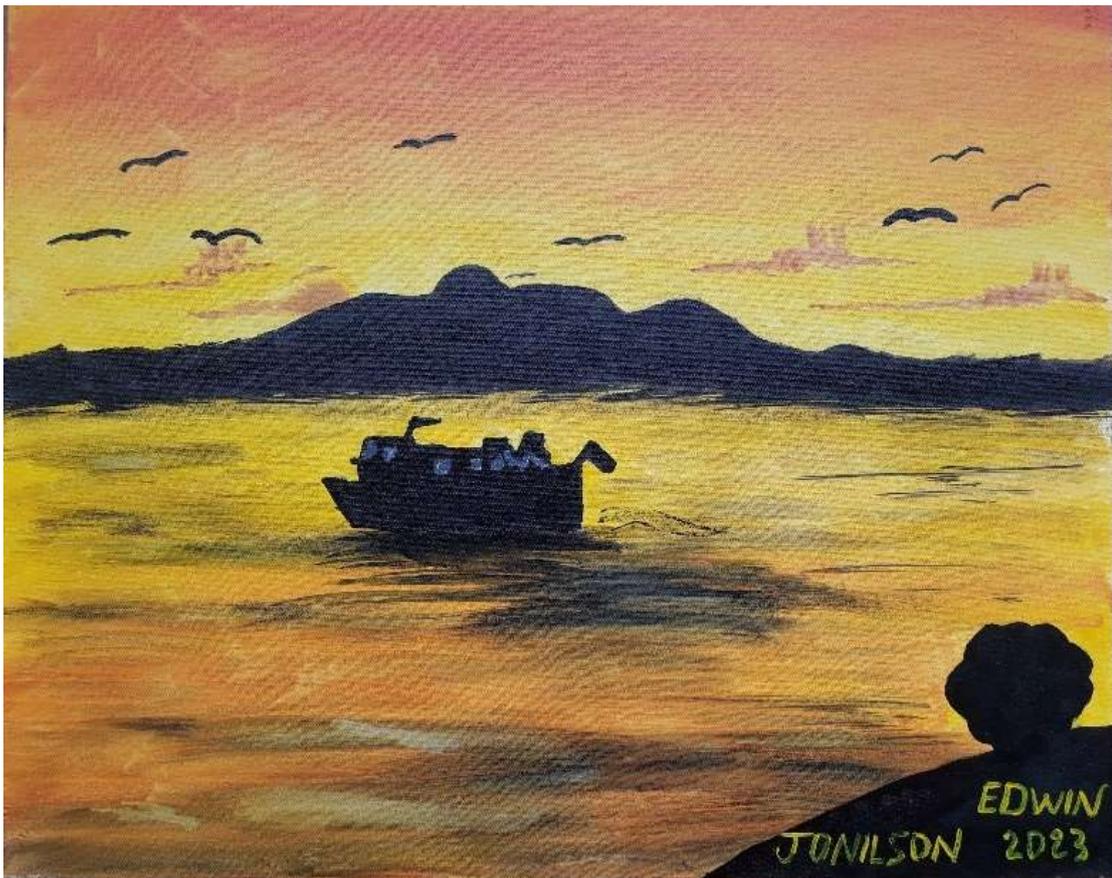
Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, dos estudantes Ádan (6º ano) e Charles (9º ano).

Na sequência, Edwin pertence à etnia Baré e Jonilson é Tariano, ambos pintaram o belíssimo pôr do sol (fig. 22), isso mostra que os estudantes entenderam bem a percepção que devem ter em relação à natureza, ou seja, tudo pode se tornar arte, tudo pode se transformar em uma pintura. A percepção deles foi notada nessa bela imagem em um entardecer no porto da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Jonilson gostou da experiência da mistura das cores e destacou a importância da prática da pintura nas escolas, e Edwin fez o seguinte relato:

Minha experiência na oficina de pintura foi excelente, eu gostei muito de verdade, gostei muito de pintar o pôr do sol, a arte não é só isso, tudo que tem no nosso planeta é arte. Um mundo sem cor é um mundo sem nada, as cores, as pinturas, deixam o planeta mais feliz. (Relato do estudante Edwin, 2023).

Figura 22 – Pôr do Sol



Fonte: O autor (2023).

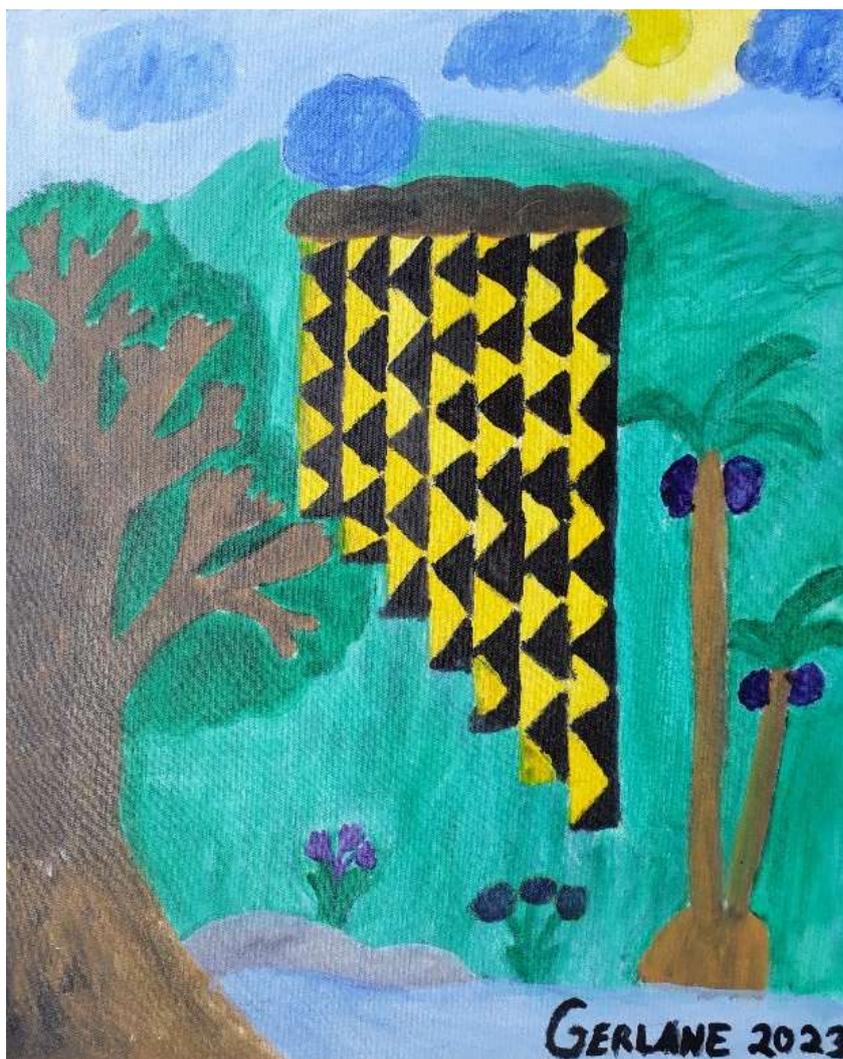
Nota: Acrílica sobre tela 40X50, dos estudantes Edwin e Jonilson, (7º ano).

A tela (fig. 23) de Gerlane, uma excelente aluna que pertence à etnia Tukano, retrata a flauta sagrada Karriçú com alguns toques e figuras que lembram o abstracionismo geométrico. Vale lembrar que no 7º ano, um dos conteúdos que passei foi sobre as figuras geométricas e que a partir delas é possível criar artes abstratas.

Na composição de Gerlane é possível notar isso, ou seja, ela entendeu o contexto e ainda conseguiu criar sua composição alinhado com a temática da cultura indígena. Podemos ver que o Karriçú foi pintando com formas retangulares e triangulares e cores diferentes, ao mesmo tempo apresenta ao fundo vários elementos da natureza.

Ela relata que a sua experiência na oficina foi “um máximo, mexer com as tintas também, tudo foi incrível e quero participar mais.”

Fira 23 – Karriçú abstrato



Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Gerlane, (7º ano).

Marissol, da etnia Baré, pintou umas das paisagens mais exuberantes do Alto Rio Negro, a Serra do Cabarí (fig. 24), rodeados de outras maravilhas que só existem nesse lugar incrível. Tudo isso a estudante pode expressar nesta magnífica obra de arte. Ela é a prova de que é preciso pôr em prática essas metodologias de ensino que já existem nas diversas leis da educação, é preciso dar oportunidade aos estudantes que tem muito a contribuir e a nos ensinar.

A minha experiência na Oficina de Pintura foi incrível, as pinturas, os desenhos, as técnicas de pintar. Essa experiência é muito importante na cultura indígena e no cotidiano que representa o nosso lazer e das histórias que contam ou que ficam marcados. A arte está presente em todo lugar, na rua, nas casas, na pintura e no desenho. (Relato da estudante Marissol, 2023).

Figura 24 – Natureza exuberante



Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Marissol (8º ano).

A pintura (fig. 25) de Lislaine, da etnia Tariana, expressa a vivência, o lugar, a calma, o encanto, o canto, as cores e a harmonia que existe entre homem e natureza. Tudo isso é vivido pelos povos tradicionais e uma ave pode simbolizar e significar tudo isso. Podemos interpretar também que ela representa a proteção e a preservação que tanto lutamos para manter, afinal se não fosse a nossa existência e resistência isso não existiria mais.

Portanto, pintar algo simples e espontâneo como o tucano (fig. 25), pode expressar muito além do que vemos e imaginamos. Lislaine, relata que a sua experiência foi “incrível e legal, fez muito bem para mim. Quando participei, eu conheci novos amigos, pinte e me sentir muito melhor, porque a pintura traz alegria e muita espontaneidade”.

Figura 25 – Tucano 2



Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Lislaine, (8º ano).

Dyene, da etnia Piratapuya, pintou a cultura de seu povo, “Ancestralidade a atualidade” (fig. 26) representa a cultura ancestral ainda preservada pelos povos originários do Alto Rio Negro, todo conhecimento repassado pelas gerações passadas ainda estão vivas apesar do contexto atual em que vivemos.

Na obra podemos notar o trabalho da roça, as plantações, a produção da farinha, os utensílios produzidos e utilizados no trabalho diário.

Quanto a atualidade podemos notar a inserção de alguns materiais como o forno, as roupas, calçados, utensílios oriundos do processo colonizador e que refletem na convivência atual, porém esse trabalho mostra que as diversidades culturais, podem ser mantidas e

convividas em harmonia na atualidade. Conta em seu relato que a experiência que teve na Oficina foi ótima, pode se expressar na pintura e que deveria ter mais outras como essas.

Figura 26 – Ancestralidade e atualidade



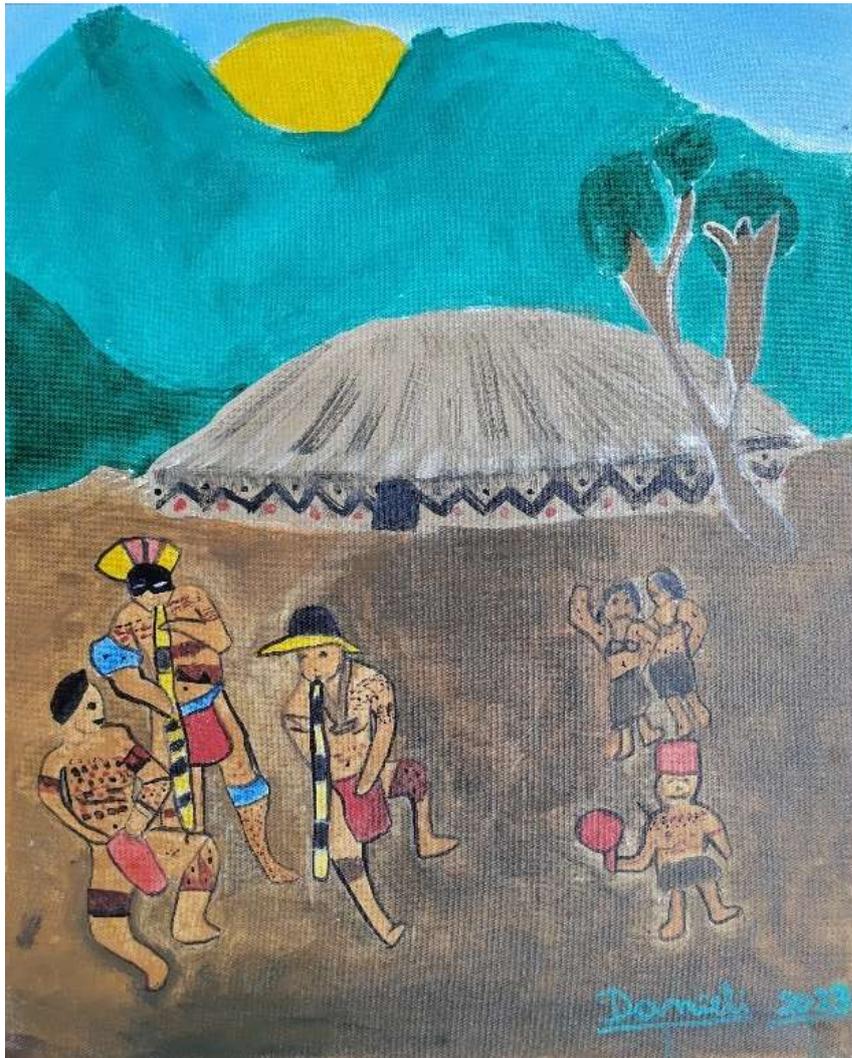
Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Dyene (9º ano).

Danieli, da etnia Kubeo, na (fig. 27) expressa a convivência dos povos originários na aldeia, onde se destaca ao fundo a maloca com as pinturas tradicionais e ancestrais em sua fachada, mais adiante a natureza ganha destaque com o belo pôr do sol por trás das montanhas. E o maior destaque é a representação da Dança do Japurutú, com destaque para os instrumentos considerados sagrados e as pinturas corporais nos componentes. Essa dança é feita e celebrada nos rituais sagrados e nas grandes festividades, é muito praticada no Alto Rio Negro por várias etnias diferentes, isso mostra o quanto a nossa cultura é linda e ainda resiste.

Essa oficina de pintura me motivou muito na arte da pintura e me fez procurar saber mais das culturas da nossa região, os costumes, línguas, devemos expressar nossos sentimentos na arte da pintura. Deveria haver mais oficina de pintura para incentivar os alunos. (Relato da estudante Danieli, 2023).

Figura 27 – Dança do Japurutú



Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Danieli (9º ano).

Da etnia Baniwa, Rakelly expressa a figura da mulher artesã do Alto Rio Negro, na composição (fig. 28) nota-se a beleza da mulher indígena junto aos seus artesanatos corporais repassados e ensinados pelos seus ancestrais, assim como os acessórios e um artefato feito por ela. Compõe também outros elementos como a arara e a orquídea, mostrando que os povos cuidam e vivem em sintonia com a natureza. Relata que “ter participado da oficina foi uma experiência incrível, as criações dos desenhos e pinturas”.

Figura 28 – Artesã



Fonte: O autor (2023).

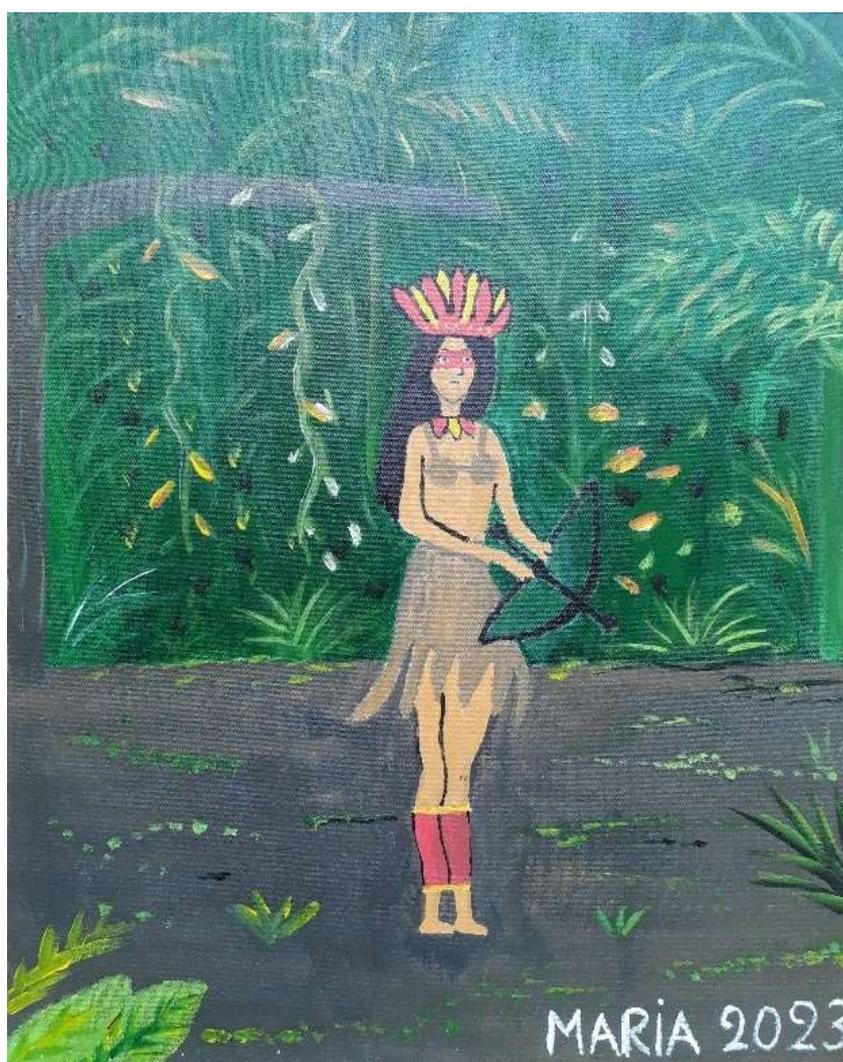
Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Rakelly (9º ano)

Maria Clara, da etnia Baré, pintou a guardiã, na (fig. 29) quiz simbolizar as mulheres que lutam em defesa da proteção da floresta, dos recursos que necessitam para sobreviver, a guardiã é a mulher que quer o seu bem e o bem de todos. Destaque para a natureza retratada nas plantas, nas árvores frutíferas e na figura da mulher guerreira que representa toda a tradição do povo Baré.

Em seu relato diz que ainda tem muito a aprender sobre a cultura de outros povos.

Essa experiência que vivi foi especial, pois foi o primeiro quadro que pintei e também que eu desenhei algo que tinha a ver com a cultura dos povos indígenas do Amazonas. Tem várias coisas que ainda tenho que melhorar, pois tenho que aprender mais sobre a cultura dos povos e histórias de cada um. (Relato da estudante Maria Clara, 2023).

Figura 29 – Guardiã



Fonte: O autor (2023).

Nota: Acrílica sobre tela 40X50, da estudante Maria Clara, (9º ano).

O processo criativo deste projeto de pesquisa resultou em um elemento visual que deu visibilidade às expressões culturais do Alto Rio Negro, a pintura em sala de aula, portanto, foi a solução encontrada e realizada. Esse foi o caminho percorrido, trabalhei em cima da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, percorremos todas as suas etapas, contextualização, leitura e o fazer artístico.

Maximiano (2013), vê a pintura como uma forma de manifestação, dessa forma trabalhou-se a proposta com a expressividade cultural da região mais indígena do Brasil, para que esse ensino pudesse explorar e valorizar a cultura, mostrando que a nossa arte é linda, rica e de extrema importância para a afirmação de nossas identidades.

Araújo (2013), destaca que é preciso que haja planejamento de ações pedagógicas voltadas para a pintura, e diz que:

É importante que o educador planeje ações pedagógicas atualizadas, inovadoras com momentos de apreciações, análises, contextualizações e produções por meio da prática de pinturas. Se essas ações forem organizadas em formas variadas consequentemente o aluno vai querer participar e ao se envolver vai perceber o sentido e tentar interpretá-lo e, nesse interpretar, já começa a criar, colocando em prática sua nova visão. (Araújo, 2013, p. 8)

Tal planejamento resultou em excelentes trabalhos, além do mais os estudantes realizaram todas as etapas destacadas por Araújo (2013), o que tornou a prática de pintura divertida e prazerosa, assim como abriu o olhar do estudante para novas visões de mundo.

Outro ponto de destaque foi a importância de ter apresentado aos estudantes, o belíssimo trabalho dos artistas indígenas do Alto Rio Negro, que carregam em seus trabalhos, importantes mensagens sobre a valorização cultural, as memórias, as lutas e resistências desses povos. E deixam isso como legado para que os estudantes possam dar continuidade a este belíssimo trabalho, fortalecendo ainda mais o movimento cultural e artístico.

Destaco também que esta pesquisa possibilita novas formas de pensar e ensinar arte. Praticar pintura em sala de aula, oportunizar os alunos a contextualizar a temática cultural, elaborar um trabalho em cima disso por meio de um processo de criação, foi uma experiência única e deve-se dar continuidade a essas propostas pedagógicas.

Por fim, mostramos que professores e alunos podem fazer a diferença e buscar sempre a melhoria da qualidade da educação que tanto almejamos, porém, para isso não basta apenas inserir nas leis, é preciso executá-la tanto na teoria quanto na prática, na certeza que isso pode fazer diferença na vida dos estudantes.

Portanto, esses são alguns fatores que me fizeram repensar o ensino de arte na escola em que atuo, depois de ver somente os pontos negativos, passei a enxergar as leis, pedagogias e as grandes referências como nossos artistas indígenas. Dessa forma percebi que para ensinar arte nas escolas não requer tempo, material ou estrutura adequada e sim de oportunizá-las, por mais que o tempo seja pouco, porém esse pouco pode ser suficiente e fazer a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa voltado para a educação, possibilitou que os estudantes conseguissem alcançar os seus objetivos, principalmente no que se refere a prática da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, desde a contextualização do tema estudado até o produto final, pintura. Muitos conseguiram entender e conhecer um pouco mais de sua própria cultura, história, trajetória e atualidade sobre o que seria expressão e cultura indígena. De fato, isto é relatado em suas experiências citadas no texto desta dissertação.

Quanto à leitura, foi de fundamental importância apresentar trabalhos de artistas que retratam em suas obras temas da nossa cultura indígena, cito mais uma vez Duhigó, Feliciano Lana, Denilson Baniwa e também artistas não indígenas como Raíz e Rubens Belém. A leitura desses trabalhos fez com que os alunos pudessem ter um olhar mais profundo voltado para as suas raízes e origens, isso podemos constatar nas composições de seus trabalhos.

E o produto final deste projeto veio do fazer artístico, onde a proposta triangular e a pesquisa-ação se unem mais uma vez para dar vida ao trabalho final que é a pintura, através da técnica de pintura acrílica sobre tela. Este fazer artístico foi o ponto crucial e um dos mais esperados pelos estudantes, assim como deixou eles bastante tensos, afinal foi uma experiência nova e inédita que culminou em um excelente resultado de práticas de pintura em telas.

O fazer artístico finalizou a etapa, mostrando que os alunos, assim como o professor orientador, conseguiram alcançar todos os objetivos da proposta triangular, provando, portanto, que a proposta é de extrema importância para o ensino de arte. Mostrou também que o modelo adotado na escola, Educação Escolar Indígena, é de extrema importância ser trabalhada, pois o resultado prova que essa educação diferenciada garante aos estudantes a manutenção e o resgate de suas memórias ancestrais, a reafirmação de suas identidades e origens, assim como valoriza os conhecimentos e tradições de cada povo e isso pode ser realizado através de qualquer disciplina.

Outro ponto que quero destacar é a relevância desse trabalho na escola, para que a população possa conhecer de fato o que está sendo feito pela educação do município e que a arte e a cultura não estão esquecidas, haja vista que muitas vezes a própria população acha que a arte é coisa da elite, dos mais ricos, quando na verdade não é, o que falta é inserir a arte e a cultura na sociedade, e isso começa justamente na escola.

Como consequência desse estudo, esse mesmo projeto deve ser ofertado aos alunos que não puderam participar ou realizar projetos semelhantes voltados para a prática da música, dança, teatro e demais linguagens artísticas, ou seja, abrirá um leque de possibilidades de

trabalhos que podem ser desenvolvidos dentro das escolas, fazendo valer o verdadeiro direito à educação, visando a garantia do que regem as leis e como consequência a melhoria da qualidade no ensino de artes, principalmente a valorização da arte e cultura indígena.

Portanto, este trabalho de pesquisa finaliza aqui, apresentando alternativas para a sociedade, mostrando que é possível sim nortear os caminhos dos alunos que tanto tem a contribuir. A cultura indígena precisa ser enaltecida e valorizada, alunos, professores e sociedade em geral precisam se unir para se tornarem protagonistas de um novo olhar onde educação, arte e cultura caminham juntas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gustavo Cunha; OLIVEIRA, Ana Arlinda. XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. **Concepções e práticas pedagógicas no ensino de arte na Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso**. PUC - PR – Curitiba, 2013.

ARAÚJO, Verônica Gomes. **Prática de Pintura em Sala de Aula**. Universidade de Brasília – UNB. Brasília – 2013.

BARBOSA, Ana Mae 1936. **Tópicos Utópicos: Cultura e Ensino da Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 9, 2022.

BARÉ, Juliana Albuquerque. **Combate. Racismo Ambiental**. 2021. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2021/06/03/povo-baniwa-realiza-ritual-milenario-do-kariama/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2020.

BRASIL, LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro do 1996. Brasília, 2010.

BRASIL. Lei Nº 13.278, de 2 de maio de 2016 – **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em 15/07/2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Duhigó é a primeira mulher indígena do Amazonas no acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas – 2022. Disponível em: <<https://cultura.am.gov.br/portal/duhigo-e-a-primeira-mulher-indigena-do-amazonas-no-acervo-do-museu-de-arte-de-sao-paulo-masp/>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

Duhigó. Instituto Dirson Costa de Arte da Amazônia – 2015-2017. Disponível em: <<https://www.institutodirsoncosta.com.br/artistas/duhigo/>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

FARIAS, Elaíze. Amazônia Real. **Povos Indígenas. O líder do povo Dessana, Feliciano Lana, morre em sua casa no Alto Rio Negro.** 2020. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/o-lider-do-povo-desana-feliciano-lana-morre-em-sua-casa-no-alto-rio-negro/>>. Acesso em 13 de março de 2023.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). **Jaime Diakara - uma viagem pelo universo indígena dessana.** In: Templo Cultural Delfos. 2023. Disponível em: < <https://www.elfikurten.com.br/2023/02/jaime-diakara.html>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

FIGUEIREDO, Milene da Silva. **A Cultura Indígena nas Artes Visuais: Reflexões para o ensino no Acre.** UNB – Tarauacá, AC. – 2012.

IBGE – **São Gabriel da Cachoeira.** População. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/sao-gabriel-da-cachoeira/panorama>. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em: 19 de julho de 2022.

OZORIO, Luiz Camillo. **Conversa com Denilson Baniwa.** 2019. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2019/03/Conversa-com-Denilson-Baniwa-por-Luiz-Camillo-Osorio-.pdf>. Acesso em: 13 de março de 2023.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de C. **Análise musical e contexto na música indígena: a poética das flautas.** Trans. Revista Transcultural de música. Sociedade de Etnomusicologia. Barcelona – Espanha. 2011.

RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília – 1998.

SALES, Yago. Combate. Racismo Ambiental. **Memórias da Pandemia - Feliciano Lana, o artista indígena do Alto Rio Negro.** 2020. Disponível em: < <https://racismoambiental.net.br/2020/05/13/memorias-da-pandemia-feliciano-lana-o-artista-indigena-do-alto-rio-negro/>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

SILVA, Gislene Santos de Paula e. **A importância do ensino de arte no contexto escolar em uma escola de ensino fundamental.** Escola de Belas Artes da UFMG, 2015.

SILVA, Lilia Valessa Mendonça da; ALVES, Juliana Araújo; ATHIAS, Renato Monteiro. **Nossos Saberes: Arte, Cultura e Histórias Indígenas no alto Rio Negro.** Manaus: Reggo Edições, 2014.

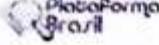
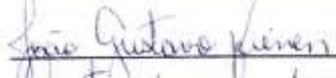
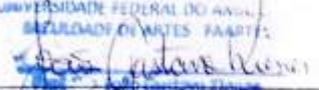
THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Notas para o debate sobre pesquisa-ação**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 82-103.

Wikipédia, a enciclopédia livre. **Denilson Baniwa**. Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Denilson_Baniwa>. Acesso em: 13 de março de 2023.

ANEXOS

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA – PLATAFORMA BRASIL

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP			
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA PINTURA ARTÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 24			
3. Área Temática: Estudos com populações indígenas.			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: GILMAR DA SILVA CORDEIRO			
6. CPF: 837.388.322-81		7. Endereço (Rua, n.º): 29 Rua 02 Dabaru SAO GABRIEL DA CACHOEIRA AMAZONAS 69750000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 97801686767	10. Outro Telefone:	11. Email: gt.cordeiro@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>07</u> / <u>05</u> / <u>23</u>		 Assinatura:	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal do Amazonas - UFAM		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Faculdade de Artes (FAARTES)
15. Telefone: (62) 3305-1181		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 		CPF: <u>024.845.659-84</u>	
Cargo/Função: <u>Diretor de Artes</u>		 Assinatura	
Data: <u>27</u> / <u>06</u> / <u>2023</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA PINTURA ARTÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA.

Pesquisador: GILMAR DA SILVA CORDEIRO

Versão: 1

CAAE: 71336923.8.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Artes (FAARTES)

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 079145/2023

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA PINTURA ARTÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA, que tem como pesquisador responsável GILMAR DA SILVA CORDEIRO, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal do Amazonas - UFAM em 17/07/2023 às 14:45.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicito de Vossa Senhoria autorização para o estudante _____ participar do projeto de pesquisa: A EXPRESSÃO CULTURAL INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO POR MEIO DA PINTURA ARTÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA DOM MIGUEL ALAGNA, com estudantes do ensino Fundamental II, cujo pesquisador responsável é GILMAR DA SILVA CORDEIRO, estudante de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Os objetivos são, promover práticas de pintura agregando obtenção de conhecimentos, principalmente no que se refere à própria cultura dos estudantes participantes, com temáticas sobre as expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro com os alunos do 9º ano A do Ensino Fundamental II. Abordar a importância processo de ensino, aprendizagem e criação em artes, através de práticas, garantindo aos alunos o que preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e a atual Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Apresentar a importância da expressão cultural indígena dentro do contexto das Artes Visuais com seus principais artistas locais e trabalhar a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, dando aos alunos a oportunidade de contextualizar, ler, fazer e refletir sobre suas produções artísticas.

Vossa Senhoria tem plena liberdade de não autorizar a participação do estudante ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço e local que será na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna. Caso aceite autorizar a participação (com o aval de seus responsáveis legais), sua participação consiste em colaborar com nossa pesquisa, desta forma, enviaremos a você todos os esclarecimentos indispensáveis para sua ciência, no decorrer de todo o processo de nossa pesquisa. Todos os dados derivados de participação do estudante na referida pesquisa, sejam elas questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob os cuidados do pesquisador responsável pela pesquisa.

Partindo para a parte prática do nosso projeto de pesquisa, faremos por etapas, no sentido que cada etapa possa delinear os procedimentos do passo a passo das atividades da pesquisa de acordo.

Rubricas _____ (Responsável
do Participante)

 _____ (Pesquisador)



O processo metodológico tem como base a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, defende que o aluno tenha o direito de contextualizar o ensino e aprendizagem em artes, que irá fomentar a compreensão do contexto histórico e cultural da obra. Quando relacionado tal abordagem com o objetivo da pesquisa, os alunos terão a oportunidade de estudar e compreender as expressões culturais indígenas do Alto Rio Negro por meio da pintura, sua origem, importância no contexto cultural, sua história e o seu processo criativo. A partir desse momento eles entenderão que o seria expressão cultural indígena e sua relação com a arte. Na apreciação o aluno fará o desenvolvimento da leitura, através da interação e reflexão, entenderá o significado da obra, de cada cor, figura, técnica, as obras contam uma passagem ou uma história. E a outra proposta seria o fazer artístico, produzir arte, depois de entender e ler é muito importante propor as práticas e o seu processo de criação, construir, alinhando com a base teórica.

Pôr em prática o processo criativo, construtivo, alinhando a base teórica com a prática, retratando o cotidiano, temas e vivências indígenas, um trançado, um pôr-do-sol, uma paisagem, um ritual, uma lenda, contar, retratar a sua história através da prática de pintura. Destacando-se, portanto, na participação dos alunos de um modo geral no momento e no decorrer da aplicação do projeto de pesquisa, envolvendo-os de uma forma prazerosa e com muita dedicação, haja vista que eles serão os principais atores na solução de possíveis problemas e descoberta de soluções futuras relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem em artes.

Serão realizados trabalhos de observação de imagens e objetos visando o desenvolvimento da percepção para o olhar e atividades que envolvam o estudo de objetos e imagens para a representação, buscando aproximação realista sem perder de vista a valorização do traço artístico próprio da expressão individual. A forte temática a ser valorizada neste trabalho se refere as expressões culturais indígenas vivenciadas no dia-a-dia de acordo com a realidade local. Assim, ao final, a pesquisa mostrará que é possível sim utilizar novas formas de ensinar, criar tempo e espaço e acima de tudo expressar a sua cultura por meio da arte da pintura, ampliando os conhecimentos dos alunos.

Portanto, este projeto visa buscar e apresentar alternativas para a sociedade, mostrar que é possível sim nortear os caminhos dos alunos que tanto tem a contribuir. A cultura indígena precisa ser enaltecida e valorizada, os alunos e professores precisam se unir para se tornarem protagonistas de um novo olhar onde arte e cultura caminham juntas em favor de um mundo

Rubricas _____ (Responsável
do Participante)

_____ (Pesquisador)



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS MESTRADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP



Prof Artes
Mestrado Profissional em Artes
ES Associada - UFAMUEA

melhor, justo e igual. Ao final farei reflexões a respeito da pesquisa, minhas conclusões e considerações finais sobre o trabalho desenvolvido, analisar cada trabalho e etapa, relatar as minhas experiências, a dos alunos e os resultados finais.

Esta pesquisa estará isenta de riscos, por se uma pesquisa na área educacional e dentro do ambiente escolar. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: nortearmos a pesquisa desse projeto de atividades, pensando nas possibilidades de desenvolver o ensino da arte na sala de aula através de práticas de pintura em tela, de maneira que possa motivar o aluno a investigar a aprendizagem, assim como o seu processo de criação em artes visuais. A proposta desse projeto de atividades aperfeiçoará o primor do conhecimento da linguagem visual, elevando a credibilidade do ensino de arte, contribuindo para o saber e fazer artístico, pois os desafios são fios condutores que impulsionam e despertam as possibilidades do arte-educador para a transformação social e cultural da sociedade.

Se julgar necessário, Vossa Senhoria dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do estudante, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. A participação do estudante nesta pesquisa será voluntária e livre de qualquer remuneração ou acréscimo. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O responsável pelo estudante pode entrar em contato com o pesquisador responsável GILMAR DA SILVA CORDEIRO a qualquer tempo para informação adicional no endereço de e-mail: gd.cordeiro@hotmail.com ou pelo contato telefônico: (97) 99169-6767. Também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo representante legal do estudante, se menor de idade, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

Rubricas _____ (Responsável
do Participante)

_____ (Pesquisador)

Página 3 de 4



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS MESTRADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP



Prof Artes
Mestrado Profissional em Artes
ES Associada - UFAMUEA

Dessa forma, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizo o uso de Imagem e Relato de Experiência dos trabalhos do (a) estudante _____ neste Projeto de Pesquisa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, a ser realizado na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagna. Tal autorização tem como objetivo realizar a publicação dos trabalhos em redes sociais, apresentações escolares, feiras, seminários, revistas científicas e congressos educacionais nacionais e internacionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e autorizo o referido estudante a participar da pesquisa.

São Gabriel da Cachoeira, AM, 28/06/23

Assinatura do Responsável pelo Estudante
Participante.



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA



Assinatura do Pesquisador Responsável.

Rubricas _____ (Responsável
do Participante)

 _____ (Pesquisador)

Página 4 de 4